

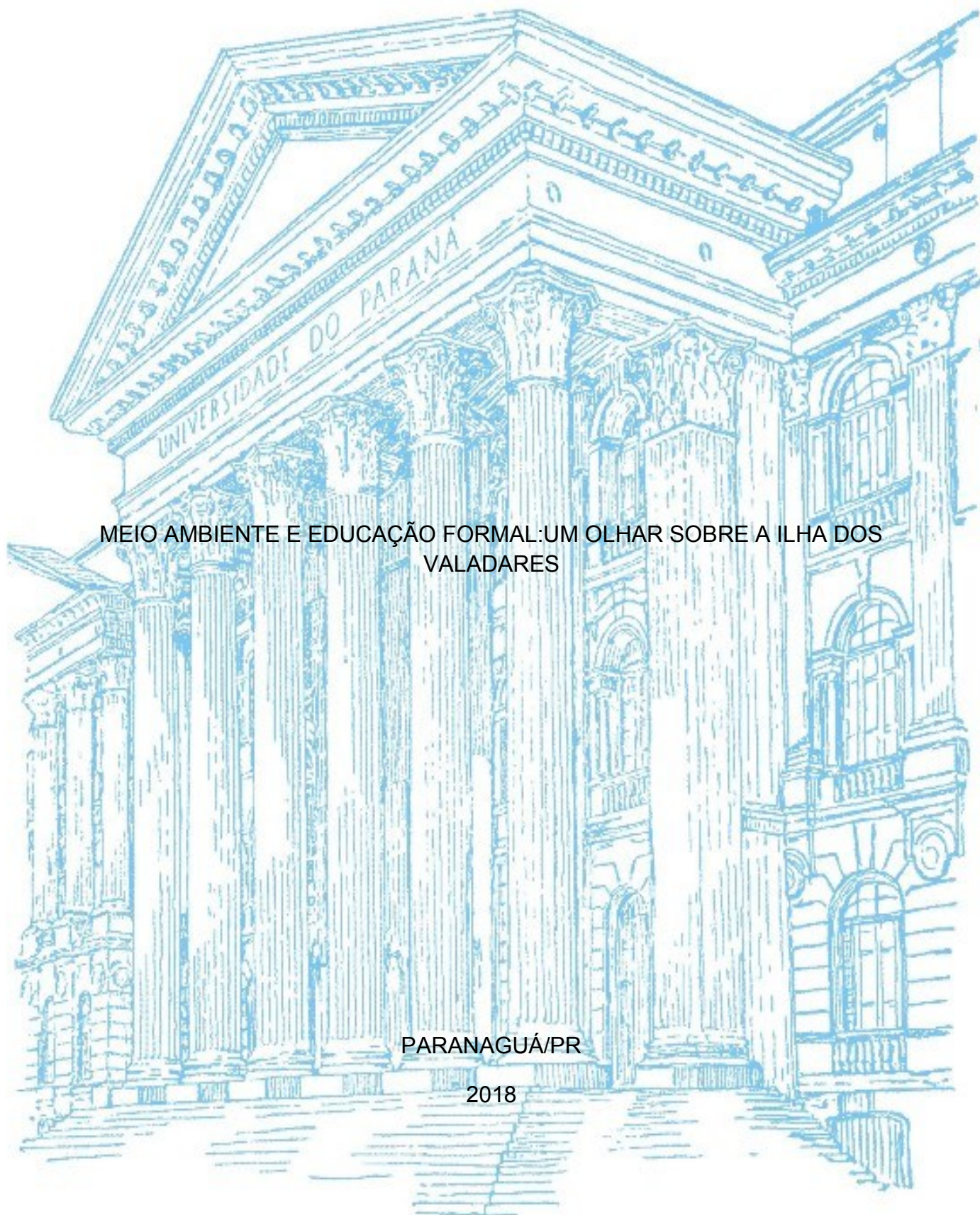
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELIZ MARIA DOMINIAK ALVES HOWARD

MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO FORMAL: UM OLHAR SOBRE A ILHA DOS
VALADARES

PARANAGUÁ/PR

2018



ELIZ MARIA DOMINIAK ALVES HOWARD

MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO FORMAL:UM OLHAR SOBRE A ILHA DOS
VALADARES

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de título de Mestre, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Orientador: Professor Doutor
Maurício César Vitória Fagundes

PARANAGUÁ/PR

2018

Howard, Eliz Maria Dominiak Alves

Meio ambiente e educação formal [recurso eletrônico]: um olhar sobre a Ilha dos Valadares / Eliz Maria Dominiak Alves Howard. – Matinhos, 2018.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Programa de Pós-Graduação em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais, 2018.

Orientador: Maurício César Vitória Fagundes.

1. Educação ambiental – Educação infantil. 2. Educação ambiental – Valadares, Ilha dos (PR) – Paranaguá (PR). I. Fagundes, Maurício César Vitória. II. Universidade Federal do Paraná. Setor Litoral. Programa de Pós-Graduação em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais. III. Título.

CDD 333.7071



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ELIZ MARIA DOMINIAK ALVES HOWARD** intitulada: **MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO FORMAL: UM OLHAR SOBRE A ILHA DOS VALADARES**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 08 de Novembro de 2018.

MAURÍCIO CESAR VITÓRIA FAGUNDES
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MARIA DO SOCORRO FERREIRA DA SILVA

Avaliador Externo (UFS)

MARIA DA GRAÇA KFOURIL LOPES

Avaliador-Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Á Deus, por sempre renovar minhas forças nos momentos difíceis.

Ao meu pai, fonte de minhas inspirações, meu ídolo e meu exemplo de vida.

A minha mãe, amiga de todas as horas e grande incentivadora.

As minhas filhas pelo carinho, compreensão e apoio.

A meu marido, companheiro de todas as horas.

Aos meus avós, Joaquina Machado Gonçalves e Cesário Gonçalves (*in memoriam*).

As minhas amigas e companheiras de estudos Paula e Micaela, pelo apoio e companheirismo.

Ao meu Orientador, um agradecimento carinhoso por todos os momentos de paciência, compreensão e competência.

As professoras e Agentes Comunitárias de saúde pela boa vontade, carinho e determinação.

Ao Programa de Pós-graduação da UFPR- Setor Litoral, representado pelo Professor Doutor Manoel Flores Lesama, pelos momentos partilhados, sem esmorecimento e a todos os professores que fizeram parte, desse caminhar.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional das Águas (ANA).

Enfim, a todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para que este percurso pudesse ser concluído.

“Pesquisa para constatar, constatando,
intervenho, intervindo educo e me educo.”
Paulo Freire

RESUMO

Este estudo, sob a temática: Educação Ambiental na Ilha dos Valadares, Paranaguá/PR: possibilidade de Intervenção em seu meio, tem como problema a seguinte indagação: a maneira como a Educação Ambiental vem sendo trabalhada nas séries iniciais das Escolas Municipais da Ilha dos Valadares promove mudanças na forma de pensar/agir dos educandos com o ambiente? Para tal, esta dissertação está organizada com uma introdução onde apresenta elementos de convite à leitura, apresentando a temática do trabalho, o problema, objetivo geral e objetivos específicos, seguido pela trajetória de vida da pesquisadora e as questões ambientais que a remeteram no desenvolvimento da pesquisa. A fundamentação teórica consiste na apresentação das leituras selecionadas e revisão do material do assunto estudado, bem como a descrição do local onde a pesquisa foi desenvolvida e uma breve explicação dos motivos da escolha. O método teve como base o diálogo, entre os envolvidos, pautados pelas questões socioambientais da Ilha dos Valadares. A metodologia utilizada foi a qualitativa, do tipo participante que tem como foco principal o processo, onde o pesquisador vai a campo e busca seus dados a partir da perspectiva dos envolvidos, considerando todos os pontos de vista relevantes. Na pesquisa participante, os sujeitos são também protagonistas e colaboram ativamente na construção do conhecimento pretendido. São levados a refletir sobre suas necessidades e as do coletivo, além de lutar por mudanças para o bem comum. O desenvolvimento, da pesquisa, se constituiu em três momentos distintos, porém complementares, quais sejam: Primeiro momento: Inserção da pesquisadora, no *lócus* da pesquisa; Segundo momento estudos desenvolvidos através do Grupo de Estudos sobre as Questões Socioambientais na Ilha dos Valadares; Terceiro momento: Inserção dos Agentes Comunitários de Saúde no grupo de estudos sobre questões socioambientais na Ilha dos Valadares. Na sequência, são apresentados a análise dos dados colacionados ao longo de toda pesquisa, baseado nas concepções da dialética, e encerra com as considerações finais, que avaliam todo o processo e trazem os devidos esclarecimentos sobre os resultados. Como principais resultados pode-se apontar a inserção de novos métodos no trabalho discente das professoras da rede municipal de ensino que atuam na Ilha dos Valadares, município de Paranaguá, Paraná. Construídos através da troca de saberes, oportunizados no curso de capacitação com elas desenvolvido durante a pesquisa. A interlocução teve como principais aportes teóricos: Brandão, Dias, Freire, Gonçalves, Leff, Libâneo, Santos e Triviños.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ambiente. Professoras.

ABSTRACT

This study, under the thematic one: Ambient education in the Island of the Valadares, Paranaguá/PR: possibility of Intervention in its half one has as problem the following investigation: the way as the Ambient Education comes being worked in the initial series of the Municipal Schools of the Island of the Valadares promotes changes in the form to think/to act of the learners with the environment? For such, this dissertation is organized with an introduction where it presents elements of invitation to the reading, presenting the thematic one of the works, the problem, general objective and specific objectives, followed for the trajectory of life of the researcher and the ambient questions that had sent it in the development of the research. The theoretical recital consists of the presentation of the selected readings and revision of the material of the studied subject, as well as the description of the place where the research was developed and one brief explanation of the reasons of the choice. The method had as base the dialogue, between the involved ones, patterned for the socio-environmental questions of the Island of the Valadares. The used methodology was the qualitative one, of the participant type that has as main focus the process, where the researcher goes the field and search its data from the perspective of the involved ones, considering all the excellent points of view. In the participant research, the citizens are also protagonists and collaborate actively in the construction of the intended knowledge. They are led to reflect on its necessities and of the collective one, beyond fighting for changes for the common good. The development, of the research, if constituted at three distinct moments, however complementary, which are: First moment: Insertion of the researcher, in locus of the research; As moment studies developed through the Group of Studies on the socio-environmental questions in the Island of the Valadares; Third moment: Insertion of the Communitarian Agents of Health in the group of studies on socio-environmental issues in the Island of the Valadares. In the sequence, they are presented the analysis of the data compared throughout all research, based on the conceptions of the dialectic, and locks up with the final considerations, that evaluate the process all and bring the due clarifications on the results. As main results the insertion of new methods in the learning work of the teachers of the municipal net of education can be pointed who act in the Island of the Valadares, city of Paranaguá, Paraná. Constructed through the exchange to know, opportunities in the course of qualification with them developed during the research. The interlocution had as main you arrive in port theoretical: Brandão, Days, Freire, Gonçalves, Leff, Libâneo, Santos and Triviños.

Keywords: Environmental Education. Environment. Teachers.

LISTA DE SIGLAS

ACS	- Agentes Comunitários de Saúde
CLT	- Consolidação das Leis do Trabalho
CMEI	- Centro Municipal de Educação Infantil
DSTs	- Doenças Sexualmente Transmissíveis
EA	- Educação Ambiental
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases
PP	- Pesquisa Participante
SEMEDI	- Secretaria Municipal de Educação Infantil
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
1.2 TEMA	12
1.3 PROBLEMA	13
1.4 OBJETIVO GERAL.....	13
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	13
1.7 MINHA TRAJETÓRIA.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3 ILHA DOS VALADARES: o <i>lócus</i> da pesquisa	21
3.1 PORQUE ESCOLAS MUNICIPAIS DA ILHA DOS VALADARES	22
4 METODOLOGIA	23
4.1 MÉTODO DA PESQUISA	25
5 FASES DA PESQUISA	28
5.1 PRIMEIRO MOMENTO: A inserção da pesquisadora, no <i>lócus</i> da pesquisa.	28
5.2 SEGUNDO MOMENTO :Comunidades Educativas de Aprendizagem: Questões Socioambientais da Ilha dos Valadares.....	31
5.2.1 Os achados e primeiras análises.....	40
5.2.2 Roda de conversas.....	40
5.2.3 Vídeo: História das coisas.....	41
5.2.4 Caracterização da Ilha dos Valadares.....	42
5.3 TERCEIRO MOMENTO: Inserção dos Agentes Comunitários de Saúde no grupo de estudos sobre questões socioambientais na Ilha dos Valadares.....	47
5.3.1 Análises.....	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O cuidado com o ambiente se impõe de maneira imperativa a comunidade mundial contemporânea, problemas ambientais se desenvolvem em escala planetária. As maiores ameaças são aquelas resultantes da atividade humana tais como a destruição, a fragmentação, a degradação do habitat natural de muitas espécies, a exploração desenfreada de recursos naturais e tantas outras formas de devastação. Santos, enfatiza que:

a história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução (SANTOS, 1998, p. 17).

A degradação ambiental se constitui, pois, em um imbricamento de situações que têm relação não apenas com o aspecto biológico, como a destruição dos recursos naturais, mas também com o aspecto social, verificado no desenvolvimento de atividades humanas e suas relações com o meio.

Dessa forma, a Educação Ambiental, deve adotar métodos que possibilitem ao sujeito, compreender as causas da crise socioambiental, o que é, porque é e qual sua relação com a escola e o meio onde vive.

Nessa vertente o desafio é conseguir que o educando passe da curiosidade espontânea e ingênua, para a curiosidade epistemológica.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, criticizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p.17).

Nesse sentido desenvolver uma reflexão crítica sobre a prática ajudará o sujeito a se perceber e a perceber suas razões de ser dentro e fora do seu meio, de sua comunidade.

Paulo Freire (1996) defende a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, enfatizando que sem reflexão crítica a teoria se torna apenas um discurso vazio e a prática por sua vez se resumirá a uma reprodução sem qualquer questionamento.

Assim sendo, a Educação Ambiental, precisa se apropriar de métodos que propiciem, ao educando, compreender as causas dos problemas socioambientais no mundo e no seu entorno. Isso implica em romper com metodologias oriundas de concepções fragmentadas e reducionistas de mundo.

Dessa forma este trabalho de pesquisa tem como objetivo compreender a forma como vem sendo trabalhada as questões socioambientais, na rede municipal de ensino, da Ilha dos Valadares, Paranaguá/PR, diagnosticar juntamente com os professores as principais demandas, sócio ambientais presentes no espaço cotidiano da comunidade escolar e aprofundar diálogos, embasados em teorias e práticas pedagógicas de Educação Ambiental, que possibilitem traçar caminhos para superação dessas demandas.

Bem como, desenvolver, com os educadores, métodos que possibilitem, ao educando, compreender as causas dos problemas socioambientais no mundo e no seu entorno, como possibilidade de aproximar, dialeticamente educação escolar e intervenção no ambiente. Contribuindo dessa forma para despertar o senso crítico e a curiosidade epistemológica dos educandos, sobre os problemas socioambientais do espaço onde vivem, bem como sua responsabilidade na mudança qualitativa de seu espaço.

Quanto à metodologia da pesquisa, o presente estudo cabe nas características de pesquisa qualitativa, do tipo participante, onde pesquisador e pesquisados trabalham juntos, “é central para Pesquisa Participante o papel de reforço à conscientização no povo de suas próprias habilidades e recursos, e o apoio à mobilização e à organização” (BRANDÃO, 1984, p.121).

Ainda segundo Brandão (2006) a Pesquisa Participante é uma modalidade de pesquisa onde se observa a relação de reciprocidade entre pesquisador e pesquisado e relação dialética entre teoria e prática, sendo a realidade tomada como objeto de investigação numa perspectiva crítica.

1.2 TEMA

Educação Ambiental na Ilha dos Valadares, Paranaguá/PR: possibilidade de Intervenção em seu meio.

1.3 PROBLEMA

A maneira como a Educação Ambiental vem sendo trabalhada nas séries iniciais das Escolas Municipais da Ilha dos Valadares promove mudanças na forma de pensar/agir dos educandos com o ambiente?

1.4 OBJETIVO GERAL

Compreender a forma como vem sendo trabalhada questões socioambientais, na rede municipal de ensino, da Ilha dos Valadares, Paranaguá/PR.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Diagnosticar com os professores da rede Municipal da Ilha dos Valadares as principais demandas ambientais presentes no espaço cotidiano da comunidade escolar.
- Aprofundar diálogos, com professores e comunidade embasados em teorias e práticas pedagógicas de Educação Socioambiental, que possibilitem traçar caminhos para superação das demandas.
- Desenvolver, com os educadores, métodos que possibilitem, ao educando, compreender as causas dos problemas socioambientais no seu entorno, como possibilidade de aproximar, dialeticamente educação escolar e intervenção no ambiente.

1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação tem início com a introdução, um convite à leitura, onde apresento a temática do trabalho, problema, objetivo geral e objetivos específicos.

Finalizo a introdução explicitando minha trajetória de vida e as questões ambientais que me remetem a essa pesquisa.

Após a introdução vem a fundamentação teórica que consiste na apresentação das leituras selecionadas e revisão do material do assunto estudado.

A descrição do local onde a pesquisa foi desenvolvida vêm a seguir, juntamente com uma breve explicação dos motivos da escolha.

Logo após são apresentados o método e a metodologia que descrevem os caminhos e as técnicas utilizadas para a produção da pesquisa.

Na sequência a análise dos dados colacionados ao longo de toda pesquisa.

Encerro com as considerações finais que avaliam todo o processo e traz os devidos esclarecimentos sobre os resultados.

1.7 MINHA TRAJETÓRIA E AS QUESTÕES AMBIENTAIS DE MINHA HISTÓRIA DE VIDA QUE ME LEVAM A ESSA PESQUISA

Desde criança tive ligação direta com questões ambientais, meu pai foi criado na ilha do Mel/PR, reserva ecológica, e, portanto foi lá que passei as melhores fases de minha infância.

Ainda pequena, aprendi com meu pai, a importância de preservar o ambiente limpo, separar o lixo seco do molhado, já que os restos de alimentos poderiam ser enterrados na própria ilha, porque serviria de adubo, o lixo seco, por sua vez era trazido para Paranaguá, naquela época por meu pai, pois a ilha ainda não tinha coleta de resíduos. Aprendi também sobre o porquê tínhamos épocas certas para pescar, tipos diferentes de peixes, o que era o defeso e a diferença entre pesca esportiva e profissional.

Lembro quando íamos mergulhar e eu perguntava a meu pai porque ele não usava compressor, como os outros que lá estavam, e ele me respondia que seria desleal com os peixes e mergulhava apenas com o ar dos pulmões.

Poderia continuar escrevendo sobre minha infância por páginas e páginas, porém, vou saltar no tempo.

Cresci e comecei a surfar, aprendi a sentir o vento e sua influência na formação das ondas, a influência da lua nas marés e o perigo das correntes marítimas.

Tínhamos também uma chácara, em Morretes, onde plantávamos laranja e banana, criávamos galinhas e porcos, na chácara aprendi a amar a terra.

Meu primeiro vestibular foi para agronomia em 1986, pois adorava mexer na terra e queria trabalhar em contato com o ambiente. Não passei no meu primeiro vestibular o segundo fiz pra Educação Física na UFPR em Curitiba, no ano de 1987, essa decisão se deu por influência de meu pai que também é formado em Educação Física e claro, por amar esportes, tanto quanto mexer na terra.

Passei no vestibular, e comecei a Faculdade de Educação Física em 1988, na época com 19 anos de idade e me formei em 1992.

Depois de formada, fui morar na Europa onde permaneci por aproximadamente um ano e meio, lá trabalhei no norte da Itália, colhendo maçãs e com o dinheiro viajei para Egito e Grécia, onde conheci aquele que seria meu marido.

Retornei ao Brasil, com meu namorado, hoje atual marido, pois nos casamos aqui em 1996 e voltamos pra Europa com intenção de permanecer em Londres cidade Natal de meu marido.

Porém no final de 1996, resolvemos voltar para o Brasil e logo que chegamos me inscrevi e comecei a trabalhar como professora de Educação Física, naquela época com regime de trabalho CLT.

Em 2005, prestei concurso, para professora de Educação Física da rede estadual de ensino, dessa forma deixei de ser CLT e passei a fazer parte do Quadro Próprio do Magistério do Estado do Paraná.

Já como professora QPM de Educação Física da rede Estadual de Ensino do Paraná, em 2006, me tornei vice diretora do Colégio Estadual Maria de Lourdes Rodrigues Morozowski, no entanto em 2007 adoeci de câncer, doença que superei após longo tratamento. Já curada, de volta a escola, concorri e me tornei diretora do mesmo colégio, onde permaneci como diretora de 2008 a 2011, além de me tornar diretora, decidi que queria fazer algo mais, foi quando fiz vestibular e cursei Direito no Instituto Superior do Paraná, de 2008 a 2012, trabalhava durante o dia e cursava faculdade à noite, passei na OAB em 2013, apresentei minha monografia em 2014, coleci grau em 2015 e ingressei no mestrado em 2017.

Envolvimento com questões ambientais em minha atuação profissional:

Atualmente, sou Diretora auxiliar no Colégio Estadual Alberto Gomes Veiga, onde também ministro aulas de Educação Física (1ª habilitação), e legislação (2ª habilitação), para o curso Técnico em Portos.

No que diz respeito à matéria de Educação Física, as questões ambientais estão intimamente relacionadas, pois atividade física está relacionada com qualidade de vida e não há como falar em qualidade de vida sem um ambiente saudável.

Portanto as questões ambientais fazem parte do dia a dia das aulas de Educação Física, não somente nas aulas, mas na escola como um todo questões ambientais fazem parte das discussões. A educação, não estaria completa, sem

debates sobre questões socioambientais, assunto borbulhante em todos os segmentos da sociedade.

Em se tratando das aulas de legislação, direito ambiental faz parte do conteúdo específico, de minhas aulas sobre legislação aduaneira, que trata de importação e exportação de mercadorias, onde abordo várias questões relacionadas ao ambiente como espécies nativas, gerenciamento das águas de lastro, que podem conter organismos aquáticos nocivos, transgênicos, entre outros assuntos relacionados ao ambiente.

Temas referentes a questões ambientais que marcaram em minha formação escolar:

No ensino fundamental não recorro ao certo sobre discussões ambientais, lembro apenas de como fiquei encantada ao ver meu feijão, envolto em algodão molhado, brotar na janela da sala de aula.

Durante a faculdade de Educação Física, íamos muito a parques e os professores enfatizavam a importância da qualidade do ar e da água para prática de atividades físicas e como nós, enquanto alunos e futuros professores, deveríamos nos preocupar com a preservação do ambiente. Recordo-me também que tínhamos oficinas onde criávamos jogos com materiais recicláveis que depois eram distribuídos em comunidades carentes onde fazíamos estágio.

Na faculdade de direito, por sua vez, as questões ambientais foram amplamente discutidas em várias áreas do direito, em especial, na matéria de Direito Ambiental onde estudamos os crimes ambientais e suas penalidades e em como a sociedade pode ajudar na prevenção de crimes ambientais através de denúncias e questionamentos.

Contribuição de minha atuação profissional para educação:

Sou educadora desde 1997, em todos esses anos de magistério, acredito que contribuí e continuo contribuindo, não apenas na educação formal, mas estimulando meus alunos a refletirem sobre vários aspectos da vida, orientando-os a seguir em frente a usar os obstáculos como trampolim e fazendo-os crer que tudo é possível, basta querer, acreditar e principalmente respeitar a si e ao próximo.

Sempre procurei trabalhar de forma interdisciplinar porque acredito que as disciplinas devem “conversar” entre si, como forma do aluno perceber a importância de cada uma delas e especialmente como uma complementa a outra para melhor entender e utiliza-las em seu cotidiano.

Motivação para optar pelo Mestrado Profissional no Ensino de Ciências Ambientais:

Sou formada em Educação Física e Direito além de pós-graduada em Supervisão Escolar, gosto muito de estudar e há tempos tinha vontade de fazer mestrado.

Quando me deparei com a oportunidade de cursar mestrado numa área como Ciência Ambiental, que tem tudo a ver com meu histórico de vida, já explanado nesse memorial, meu coração bateu mais forte.

Problemas socioambientais precisam de diálogo, entre disciplinas escolares, não apenas em disciplinas dentro da mesma área de estudo, se faz necessário abordagem interdisciplinar ampla, numa verdadeira interação.

Existe uma enorme demanda de conhecimento sobre questões ambientais. A preocupação com questões relacionadas a mudanças climáticas, uso dos recursos naturais, sustentabilidade entre outros, é uma preocupação mundial.

Dessa forma, o estudo de Ciências Ambientais, além da minha paixão em assuntos relacionados ao ambiente, é uma tendência mundial, e, portanto atualíssimo e que aliado a minha graduação em Direito, poderá abrir portas, não apenas na esfera profissional também me trará oportunidade de colaborar mais efetivamente em questões socioambientais dentro e fora da escola.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com a lei nº9.795, de 27 de abril de 1999, a Educação Ambiental, deve ser contínua, permanente da educação Nacional, devendo estar presente em todos os níveis e modalidades do processo de educação formal e não formal. A lei apresenta ainda o seguinte conceito:

Educação Ambiental são processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

A Educação Ambiental propicia um estudo interdisciplinar e participativo, pois busca um entendimento integral dos fenômenos, contribuindo dessa forma para um efetivo envolvimento de educadores e educandos, em ações capazes de transformar a realidade local dos envolvidos.

No entanto para alcançar seus objetivos a Educação Ambiental escolar necessita de métodos e preparo dos educadores, segundo Freire (2003), para haver ensino é necessário o aprendizado e ensino e aprendizado só acontece quando há conhecimento profundo do que se pretende ensinar.

Além de conhecimento profundo a prática educativa precisa de reflexão crítica, para ser capaz de transformar a realidade, pois não basta aprender é preciso que o educando se sinta com a capacidade de conhecer e se reconhecer nas relações com outros sujeitos igualmente capazes de reconhecer o educador como facilitador da tarefa de ambos rumo ao conhecimento de determinado assunto ou objeto (Freire,2003).

O desenvolvimento da reflexão crítica sobre a prática impulsiona o educando a se perceber e a perceber suas razões de ser dentro e fora do seu meio. Isso implica em romper com metodologias oriundas de concepções fragmentadas e reducionistas de mundo.

No Brasil, conforme Libâneo (1994, p.68), “as tendências de cunho progressista interessadas em propostas pedagógicas voltadas para os interesses da maioria da população foram adquirindo maior solidez e sistematização por volta dos anos 80”.

Com efeito, a pedagogia chamada progressista se manifesta em três tendências: a libertadora, conhecida como pedagogia de Paulo Freire, a libertária,

que reúne os defensores da autogestão pedagógica e a crítico-social dos conteúdos que acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais (LIBÂNEO, 1990).

Deste modo a pedagogia aqui defendida é a libertadora ou pedagogia de Paulo Freire, compreendendo a educação dialética como o caminho de libertação das classes oprimidas.

Nessa concepção Freire (1987) nos ensina que as ações devem estar pautadas no despertar de uma reflexão crítica, como forma de superar o conhecimento ingênuo da realidade. Buscar razões para realidade posta, ao invés de simplesmente aceita-la.

Para tanto é necessário refletir constantemente, reflexões essas que devem ser despertadas, através de ações educativas, a todos os envolvidos com objetivo de libertação das massas.

Deste modo, nos diz Freire: “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1997. p. 25).

Complementando, para ser considerada autêntica a educação precisa considerar os vários pontos de vista, carregados com anseios e verdades particulares. Há que pensar o conteúdo levando em conta o público a quem irá se dirigir (FREIRE, 1987).

Ainda sobre os saberes trazidos pelos educandos:

por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz (FREIRE, 1996, p.17).

Nessa esteira, discutir a Educação Ambiental através da prática pedagógica libertadora, é o caminho a ser seguido, como forma de superar a dicotomia sociedade e natureza.

Segundo Gonçalves (1989, p.28) “podemos dizer que a separação homem-natureza (cultura-natureza, história natureza) é uma característica marcante do pensamento que tem dominado o chamado mundo ocidental, cuja matriz filosófica se encontra na Grécia e Roma clássicas”.

Para Santos (1985, p. 21/22) “o espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade”.

A Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 dispõe sobre a Educação Ambiental em seu artigo 1º e 2º mencionando que:

Art. 1º: Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º: A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal.

Neste diapasão a Educação Ambiental deve ser desenvolvida ao longo da vida dos estudantes, quer seja por meios dos processos de educação formal quer através dos espaços de aprendizagem não formal. Segundo Dias:

não se envolve as pessoas com a temática ambiental com elas apenas sentadas em suas cadeiras, envolvidas por um “caixote de tijolo e cimento”, regadas a quadro de giz ou à parafernália audiovisual. Elas precisam sentir o cheiro, o sabor, as cores, a temperatura, a umidade, os sons, os movimentos do metabolismo do seu lugar, da sua escola, do seu bairro, da sua cidade... Isto não se faz sentado em cadeiras! Como diz Nana Minini – o maior nome de EA no Brasil – “precisamos sair da posição de sentantes e passarmos para pensantes”, ao que acrescentamos: precisamos ser atuantes (DIAS, 1992,p.37).

Sob esta ótica é preciso articular teoria e prática, fazendo com que os sujeitos envolvidos no processo, desenvolvam uma reflexão crítica e sejam capazes de agir de forma responsável diante do ambiente onde vivem, através de um olhar diferenciado.

Nessa perspectiva, a Educação Ambiental oferece a possibilidade de romper com metodologias oriundas de concepções fragmentadas e reducionistas de mundo, é capaz ainda de romper paradigmas, uma vez que permite interligar saberes na busca da compreensão dos problemas ambientais.

3 ILHA DOS VALADARES: o *lócus* da pesquisa

Segundo informações do site da Prefeitura de Paranaguá a Ilha dos Valadares situa-se a uma distância de 400 metros do centro da cidade numa área de 2,8km quadrados, a margem esquerda do rio Itiberê. É habitada por pescadores que se dedicam a pesca artesanal e cultuam tradições, como a de ser o palco do fandango paranaense, única dança típica litorânea.

Na Ilha também se prepara o barreado, comida típica paranaense e pratica-se o artesanato, principalmente cestaria, cerâmica e objetos utilitários característicos da região. O acesso pode ser feito por uma passarela que liga a ilha ao continente, ou através de barcos pelo rio. A ilha pertence à União, mas negociações acontecem para a municipalização, e é habitada por 22.000 pessoas, com farmácia, padarias, posto de saúde, e um módulo policial. A COPEL fornece energia e o sistema de abastecimento de água e esgoto ainda é precário (PREFEITURA MUNICIPAL DE PARANAGUÁ, 2017).

Não existem muitas literaturas, seguras, específicas sobre a Ilha dos Valadares, a referência mais atual é o livro: ILHA DOS VALADARES: História, Cultura e Meio Ambiente, de Janelize Nascimento Felisbino e Cinthia Maria de Sena Abrahão, do ano de 2016, que nessa dissertação, serviu como base, para caracterizar a Ilha dos Valadares.

Segundo Abrahão e Felisbino (2016) a origem do nome Valadares, confirma os relatos de infância, feitos pelo professor e também Secretário da Loja Maçônica, Perseverança, Alfredo Alves da Silva, que ouvia os antigos dizendo que navios negreiros vinham carregados de escravos, às ocultas, e desembarcavam os mesmos na Ilha dos Valadares, para no dia seguinte, fazer a venda dos ditos escravos que depois de vendidos eram transportados para a cidade. Menciona também que os encarregados pelas transações pertenciam à família Valadares.

Abrahão e Felisbino (2016, p.22) destacam ainda que “não se tem registro na história sobre o período em que a família ou a pessoa de sobrenome Valadares foi embora de Paranaguá, mas ao partirem, deixaram para trás a vinculação de seu nome à ilha”.

No que diz respeito a paisagem natural Abrahão e Felisbino (2016, p. 23), nos contam que “ao que tudo indica, na história, até o início dos anos 1950, a vegetação na Ilha dos Valadares apresentava verde vivo exuberante que se alastrava por toda sua extensão e sua ocupação era rarefeita. Era arejada e salubre e de solo enxuto”.

Acrescentam ainda, Abrahão e Felisbino (2016, p. 24) que:

a história recente do povoamento da Ilha, do “boom” populacional, está diretamente conectada ao progresso econômico do município de Paranaguá. Valadares é uma das áreas ambientalmente vulneráveis do município, que recebeu uma parte da mão de obra migrante vinda de outras ilhas da Baía de Paranaguá e Guaraqueçaba e das áreas rurais, a partir da década de 1960-1970. O intenso crescimento da população e adensamento do solo, também ficou interligado ao anúncio da construção da passarela nos anos 1980.

Fato que merece destaque é que segundo Abrahão e Felisbino (2016, p. 34) “na Ilha dos Valadares, ainda que de maneira dispersa, persistem os traços dos três pilares do modo de vida caiçara: o fandango, a produção da farinha de mandioca e a pesca”.

3.1 PORQUE ESCOLAS MUNICIPAIS DA ILHA DOS VALADARES

A princípio o local idealizado foi a Ilha do Mel, já que lá passei grande parte da minha infância. No decorrer do curso de Mestrado estreitei laços de amizade com duas mestrandas, Paula da Silva Inácio Pereira e Micaela Goes Boechat Boaventura e juntas tivemos a ideia de desenvolver nosso trabalho em um único local, porém com diferentes olhares numa perspectiva interdisciplinar.

Faltava escolher o local, sugeri a Ilha do mel, mas devido a distância e difícil acesso, especialmente em épocas chuvosas, a ilha do Mel foi descartada. Foi então que pensamos na Ilha dos Valadares, maior bairro de Paranaguá, com uma série de peculiaridades, que logo despertaram nosso interesse.

Ilha dos Valadares, tão perto e tão distante de Paranaguá, pois a comunidade que lá habita, possui costumes e tradições que nos fazem sentir como se estivéssemos em outra cidade.

Local decidido faltava delimitar, escolhemos então as escolas municipais, para serem o centro do desenvolvimento, mas quais as escolas? Na verdade convidamos todas as escolas e CMEIs, localizados na Ilha.

No entanto, apenas os Centros Municipais de Educação Infantil: Arcelina Ana de Pina, Nádia Iara Pereira Cunha e Nossa Senhora dos Navegantes e as Escolas Municipais: Gabriel de Lara, Graciela Elizabete Almada Diaz e Iracema dos Santos, se interessaram pela proposta e se comprometeram a participar efetivamente, conosco.

4 METODOLOGIA

Quanto à metodologia, dessa pesquisa, consiste numa pesquisa qualitativa, do tipo participante.

A pesquisa qualitativa se configura no fato do pesquisador ser ao mesmo tempo sujeito e objeto de seus estudos e, portanto, “tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave (TRIVINÕS,1987, p.128).

O foco principal da pesquisa qualitativa é o processo, o pesquisador vai a campo e busca seus dados a partir da perspectiva dos envolvidos, considerando todos os pontos de vista relevantes, [...] a situação da pesquisa não é padronizada; ao contrário, ela é projetada para ser o mais aberta possível (FLICK,2013, p.24).

Consciência e conhecimento se constroem, se estruturam e se enriquecem em cima de um processo de ação e de reflexão empreendido pelos protagonistas de uma prática social vinculada a seus interesses concretos e imediatos (BRANDÃO,2006, p.33).

Nesse sentido, Marconi (2003, p.62) descreve as características fundamentais da pesquisa qualitativa, quais sejam: “o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; o caráter descritivo; o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; enfoque indutivo”.

Portanto existem diferenças entre o tipo de pesquisa participante e a pesquisa tradicional, segundo Brandão (1984), na pesquisa tradicional, os indivíduos são considerados passivos, não são levados a analisar os problemas nos quais estão envolvidos e tampouco estimulados a buscar soluções a formulação e resolução dos problemas fica a cargo exclusivo do pesquisador que sequer leva os resultados para conhecimento e discussão dos envolvidos.

Enquanto que a pesquisa participante busca a contribuição de indivíduos, grupos e coletividades cuja experiência se pretende conhecer, além da presença do pesquisador como parte do campo investigado, a presença de outro que, na medida em que participa da pesquisa como sujeito ativo, se educa e se organiza, apropriando-se, para a ação, de um saber construído coletivamente.

Experiências relacionadas ao tipo de pesquisa participante evidenciaram-se entre os anos 60 e 80, conforme Demo (2008), na década de 60 o interesse pela pesquisa participante é sentido em várias regiões do mundo, o autor destaca os

grupos latino americanos, asiáticos e africanos, ainda segundo o autor, no Brasil, o interesse pela pesquisa participante iniciou a partir dos anos 70.

Para Brandão (1984), a pesquisa participante aparece em contraposição à pesquisa dita convencional, pois envolve a população ajudando a identificar seus problemas e a buscar soluções adequadas, através de uma análise crítica.

Dessa forma, na pesquisa participante, os sujeitos são também protagonistas e colaboram ativamente na construção do conhecimento pretendido. São levados a refletir sobre suas necessidades e as do coletivo além de lutar por mudanças para o bem comum.

O pesquisador por sua vez deve se inserir no contexto de forma a se identificar com os sujeitos, com a comunidade e demandas locais para alcançar a real finalidade da pesquisa ou seja entender como os professores trabalham as questões socioambientais e que conhecimentos constroem a partir de então.

Neste sentido, para Brandão, “é necessário que o cientista e sua ciência sejam primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir” (BRANDÃO, 1984, p.12).

Desse modo, a pesquisa precisa compreender as necessidades do grupo, explorar os espaços e identificar os problemas através de um olhar coletivo, para esclarecer junto à comunidade envolvida as fundamentações teóricas necessárias para a construção de propostas e objetivos fundamentais para alcançar as mudanças desejadas, através de ações construídas coletivamente de forma democrática.

Assim sendo, Brandão destaca que: “este mergulho no mundo do outro não impediu que a ciência sociologicamente renovada se desobrigasse das questões efetivamente sociais das condições e vida dos outros” (BRANDÃO, 1984, p.12)

Nessa feita a pesquisa participante atua como instrumento amplo de ação pedagógica e científica que parte da realidade concreta do cotidiano dos participantes, contextualizadas em suas histórias, pois constituem momentos vividos em sua realidade social.

Sendo assim, a pesquisa participante caracteriza-se como “um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada, de conhecimento social e, também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular. Essa

alternativa de investigação social é “participante” porque ela própria se inscreve no fluxo das ações sociais populares” (BRANDÃO; STRECK, 2006, p 28).

Enfim, articulando-se o conhecimento popular e o científico, de maneira crítica, eis que surge um novo conhecimento, inovador, capaz de transformar efetivamente a realidade posta.

4.1 MÉTODOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa participante, o pesquisador não pode ser visto como um intruso, mas um ser aceito como ele é, como alguém que vem de fora para realizar um estudo junto ao grupo e depois vai embora sem se anular e negar a si mesmo para utilizar de modo crítico os instrumentos teóricos de que dispõe.

Nesse sentido, o desenvolvimento da pesquisa teve como base o diálogo, entre os envolvidos, pautados pelas questões socioambientais da Ilha dos Valadares, buscando representar subjetivamente a práxis da realidade, numa perspectiva interdisciplinar.

Na história humana, todo saber, todo conhecimento sobre o mundo e sobre as coisas tem estado condicionado pelo contexto geográfico, ecológico e cultural em que produz e se reproduz determinada formação social (LEFF, 2001, p. 21).

Nessa perspectiva, Moraes nos ensina que: “um trabalho cooperativo entre campos disciplinares, sem hierarquizações do saber, sem pretensos donos da problemática ambiental, sem preconceitos mútuos, permitiria que as várias faces desse múltiplo campo aflorassem em equacionamentos ricos” (1994, p.33).

Segundo Leff “a problemática ambiental na qual confluem processos naturais e sociais de diferentes ordens de materialidade não pode ser compreendida em sua complexidade nem resolvida com eficácia sem o concurso e integração de campos muito diversos do saber” (2001, p.60).

Dessa forma, é possível afirmar que o desenvolvimento dos saberes está intimamente ligado a reflexão crítica das situações vivenciadas, na medida em que o sujeito toma consciência de sua historicidade.

Só se transforma aquilo que se compreende, analisar a prática para entendê-la e então modificá-la, não num discurso vazio mas em ações, através de novas práticas, nesse sentido Freire nos ensina que “a reflexão crítica sobre a prática se

torna exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá, blá, blá e a prática ativismo” (1966, p.22).

O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos Universo Temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores” (FREIRE,1987, p.101).

Nessa vertente, a apropriação do conhecimento crítico da realidade, traz a possibilidade de produção de novos saberes pautados em seus aspectos contextuais, pois “quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias”. (FREIRE,1986, p.30).

A análise dos dados levará em consideração todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, a construção do conhecimento através da reflexão e ação recíproca originando dessa forma novas ideias e métodos de enfrentamento baseadas nas concepções da dialética.

Vasconcelos (2017, p.106) afirma que “a base do pensamento de Marx e Engels é a dialética, uma lógica segundo a qual o pensamento e a realidade se movem por tríades formadas por tese, antítese e síntese”.

Ainda segundo Vasconcelos (2017) Marx e Engels ao pensarem a realidade histórica e material de maneira dialética, enfatizam a importância do conflito para desencadear transformações sociais, o que faz com que muitos autores se refiram ao marxismo como materialismo histórico dialético ou materialismo dialético.

Segundo Marconi (2003, p.100), “para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro”.

Para Gil (2008) a dialética permite interpretar os fatos sociais em sua totalidade sem desconsiderar seu contexto com influências políticas econômicas e culturais.

Brandão (1984, p.113), afirma que “é praticamente impossível a Pesquisa Participante fora de uma postura dialética”.

Nessa perspectiva os fenômenos devem ser analisados de acordo com o contexto social, político, cultural e econômico em que se encontram, privilegiando as

pesquisas desenvolvidas sob um enfoque qualitativo do tipo participante como é o caso da presente pesquisa.

5 FASES DA PESQUISA

A pesquisa se constituiu em três momentos distintos, porém complementares, quais sejam: Primeiro momento: Inserção da pesquisadora, no *lócus* da pesquisa; Segundo momento: Grupo de Estudos sobre as Questões Socioambientais na Ilha dos Valadares; Terceiro momento: Inserção dos Agentes Comunitários de Saúde no grupo de estudos sobre questões socioambientais na Ilha dos Valadares.

5.1 PRIMEIRO MOMENTO: A inserção da pesquisadora, no *lócus* da pesquisa.

Preliminarmente, cabe ressaltar que a pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva interdisciplinar, com três mestrandas do Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional para o Ensino das Ciências Ambientais – UFPR- Setor Litoral, eu e minhas companheiras e também pesquisadoras Paula da Silva Inácio Pereira e Micaela Goes Boechat Boaventura, optamos em desenvolver projetos sobre o mesmo espaço e com ações conjuntas, porém com diferentes objetivos.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa do tipo participante, se faz mister a integração do pesquisador com o objeto da pesquisa, para estabelecer um vínculo entre pesquisador e participantes.

Nessa vertente para desenvolvimento da pesquisa o primeiro passo foi minha inserção na comunidade da Ilha dos Valadares que teve início através da AMIV (Associação dos Moradores da Ilha dos Valadares).

Comecei a frequentar a associação, junto com minhas colegas e pesquisadoras, aos finais de semana, em julho de 2017, onde um grupo de meninas, da comunidade, se reunia para customizar caixas de madeira que posteriormente eram usadas para acondicionar os livros de uma pequena biblioteca, na própria associação.

Essa foi a primeira troca de experiências, pois nunca havia feito trabalhos manuais e com elas aprendi a transformar caixas de verduras, que iriam para lixo, em lindos recipientes para guardar ou organizar objetos, como livros e revistas, fato que me faz referenciar Freire (1996, p.32): “pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Entre as pinturas e desenhos aproveitava para conversar sobre a Ilha e observar as pessoas que transitavam pelas ruas e vielas. A alegria, o falar alto e a

simpatia dos transeuntes me chamaram atenção, pois ao contrário do continente, as pessoas não demonstravam pressa e transitavam animadas em suas bicicletas, a pé ou a cavalo.

Durante as rodas de conversas com as meninas, integrantes da associação, surgiu a ideia de integrar a associação com as escolas municipais da ilha, promover uma visita das integrantes da associação, nas escolas municipais, para interagir com os educandos, e como toda criança adora presentes fabricaríamos mais caixas para doar durante a visita.

Ideia aceita, mais e mais caixas foram arrumadas e pintadas até chegar o dia da visita quando as caixas foram generosamente doadas e alegremente aceitas pelas crianças, momento que tive a oportunidade de me aproximar das professoras, foco da minha pesquisa.

No dia das crianças em outubro de 2017, tivemos a oportunidade de organizar uma festa, na AMIV. O evento me oportunizou interagir com muitas pessoas da comunidade, especialmente mães, que levaram seus filhos para participar.

Para demonstrar as atividades desenvolvidas na AMIV, uma das pesquisadoras, Paula da Silva Inácio Pereira, criou um quadro, que abaixo replico, com as temáticas, objetivos e competências desenvolvidas durante essa fase da pesquisa, em momentos de Educação não Formal:

QUADRO 1: AÇÕES REALIZADAS NO ESPAÇO NÃO FORMAL

Instituição	Temática	Objetivos	Competências Desenvolvidas
AMIV	Oficinas de artesanato	Construir com as crianças e adolescentes objetos para uso a partir dos recicláveis.	Foram reconstruídas caixas multiuso de madeira e entregue nas instituições da ilha para uso.
	Passeio Ciclístico	Definir junto às crianças e adolescentes um roteiro dos pontos na ilha para que se percebam as demandas ambientais.	A rota era definida pelas crianças e durante o trajeto foram realizadas paradas para discussão sobre as problemáticas ambientais. Alguns dos pontos foram: balsa, estação de tratamento de esgoto, Parque Ambiental e Complexo Esportivo. Ao final do trajeto estabelecido realizamos um piquenique.
	Esporte e Lazer	Realizar atividade física em espaço que as crianças e adolescentes	Aos domingos de sol fomos ao Complexo Esportivo que se localiza ao lado do Rio dos Correias para atividades

		tenham contato com a natureza.	físicas.
	Caça ao Tesouro	Estimular o conhecimento sobre a história da Ilha dos Valadares e sua cultura através do lúdico. Incentivar a linguagem, leitura e a arte em atividades coletivas.	No dia das Crianças organizamos o Caça ao Tesouro em que divididos em equipes as crianças e adolescentes recebiam pistas de alguns pontos da ilha com referência aos aspectos ambientais e iam à busca das bandeiras. Disponibilizamos texto com a história de Paranaguá e dos seus pontos turísticos para a brincadeira “torta na cara” com o jogo de perguntas e respostas. Finalizamos com o concurso de poesias sobre a ilha.

Fonte: PEREIRA, P.S.I (2017).

Além de frequentar a AMIV, entre os meses de julho a outubro de 2017, por intermédio da Paula, umas das mestrandas, companheira de grupo, na época moradora da Ilha, fui apresentada a vários moradores e também as professoras que lá trabalham, em escolas municipais.

Particpei conjuntamente de outras atividades, como forma de conhecer mais a fundo o local, visitei a fábrica de farinha, a Associação Mandicuera, o Clube Mangue Seco, Casa do Mestre Eugênio. Naveguei nas bateiras (tipo de canoa feita de madeira) pelas margens do rio, além de fazer passeios, a pé ou de bicicleta, para conhecer as localidades mais distantes e pontos específicos, como um lixão, teoricamente desativado, porém percebi que alguns moradores ainda despejam ali resíduos secos como sofás e outros utensílios domésticos além de restos de alimentos.

As missas do Padre Bino aos domingos, na Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, situada na Ilha, também se tornaram uma rotina para mim, frequentando a igreja algo que me chamou bastante atenção, foi o espírito de comunhão dos frequentadores.

A igreja foi totalmente reformada em um curto espaço de tempo, apenas com a arrecadação dos frequentadores que promoveram bingos, rifas e festas, além de vender pasteis e bolos na saída das missas aos domingos.

Enquanto outras igrejas de Paranaguá dependem de verbas de grandes festividades com romarias vindas de outras regiões a reforma da Igreja Nossa

Senhora dos Navegantes contou apenas com o trabalho e doações da comunidade local, evidenciando o espírito de união e perseverança dos moradores.

Nesse sentido Brandão destaca que: “a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, trabalho ou com a vida” (2007, p.10).

Esse primeiro momento da pesquisa foi essencial para reflexões introdutórias acerca do tema e das ações necessárias para alcançar os objetivos traçados, referenciando Brandão:

deve-se partir sempre da busca de unidade entre a teoria e a prática, e construir e reconstruir a teoria a partir de uma sequência de práticas refletidas criticamente. A pesquisa participante deve ser pensada como momento dinâmico de um processo de ação social (BRANDÃO, 2006, p. 42).

Brandão (2006, p.23) destaca ainda que: “é do constante diálogo não doutrinário de parte a parte que um consenso sempre dinâmico e modificável deve ir sendo também construído”. Assim se deu o que chamo de primeiro momento de minha pesquisa participante, rico de aprendizagens e prazeres.

5.2 SEGUNDO MOMENTO: Grupo de estudos sobre as questões socioambientais na Ilha dos Valadares.

Posterior a primeira etapa, da inserção da pesquisadora na comunidade, demos início ao segundo momento do processo metodológico: envolvimento das professoras das escolas municipais da Ilha dos Valadares, com o intuito de compreender a forma como vem sendo trabalhada questões socioambientais, na rede municipal de ensino, da Ilha.

Bem como, diagnosticar as principais demandas ambientais presentes no espaço cotidiano da comunidade escolar, através de diálogos, com professores e comunidade, embasados em teorias e práticas pedagógicas de Educação Ambiental.

Para dessa forma, desenvolver métodos que possibilitem, ao educando, compreender as causas dos problemas socioambientais no mundo e no seu entorno, com a possibilidade de aproximar, dialeticamente educação escolar e intervenção socioambiental.

Após longas reflexões, sobre a melhor forma de abordagem, surgiu a ideia de grupos de estudo sobre questões socioambientais que se deu da seguinte forma: eu e as minhas colegas de mestrado, Paula da Silva Inácio Pereira e Micaela Goes Boechat Boaventura faríamos nossa pesquisa no mesmo local com diferentes abordagens numa perspectiva interdisciplinar sendo que meu foco da pesquisa seria com as professoras, a Paula com as crianças e Micaela com os agentes de saúde que atuam na ilha dos Valadares.

Sendo assim, apresentamos uma proposta de trabalho para secretaria de Educação do município de Paranaguá sobre formarmos um grupo de estudos sobre as questões socioambientais na Ilha dos Valadares que seria formado por nós e pelas professoras das escolas municipais que atuam na Ilha sendo desenvolvido no auditório da própria secretaria de Educação, no período de 4/09/2017 à 18/09/2017, com encontros duas vezes por semana, com durabilidade de duas horas cada encontro, das 18 às 20 horas, num total de 10 horas presencial e 10 horas de estudos e preparo de atividades. Proposta que foi prontamente acolhida pela secretária de educação do município.

Com autorização em mãos, partimos para o convite que foi enviado as escolas. O convite foi livre e a participação se estabeleceu pelo interesse e disponibilidade dos profissionais. Iniciamos com o grupo de quinze profissionais entre escolas e CMEIs, no entanto durante os encontros o número de comparecimento oscilava entre doze e quatorze integrantes.

No primeiro encontro explicamos detalhadamente a proposta com base nos ensinamentos de Brandão deixamos claro que “pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes” (2006, p.11).

A conversa teve início com a apresentação da proposta do estudo, esclarecimentos sobre a metodologia pretendida por cada mestranda e seus procedimentos, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, pelos integrantes do grupo.

Consideramos importante esclarecer a todos os presentes que não viemos passar conhecimento e sim trocar experiências, para uma produção partilhada numa estrada de mão dupla, com objetivos a serem traçados em conjunto a partir de discussões e análises sobre questões socioambientais da Ilha do Valadares.

Ulteriormente as apresentações e esclarecimentos, demos início a roda de

conversas e algumas professoras relataram a forma como vinham desenvolvendo a Educação Ambiental em suas escolas, no entanto como era de se esperar, muitas ficaram apenas observando pois apesar de já nos conhecerem ainda não se sentiam seguras o bastante para dialogar abertamente.

Depois desse primeiro encontro as pesquisadoras se reuniram para refletir e traçar metas, com base nas primeiras impressões, fundamentadas nos ensinamentos de Brandão (1984, p.57), sobre a pesquisa participante, quando expressa que “num primeiro momento, é importante compreender, numa perspectiva “interna”, qual é o ponto de vista dos indivíduos ou grupos sociais acerca das situações que vivem”.

Pois bem, partindo da análise desses primeiros diálogos decidimos, para o próximo encontro trazermos alguns vídeos sobre consumismo mais especificamente “A história das coisas”. Sendo assim no segundo encontro, conforme combinado, passamos o vídeo sobre a história das coisas e ficamos apreensivas para ver se a partir desse vídeo conseguiríamos uma boa roda de conversas.

Sim, as conversas foram bem produtivas, o grupo participou bastante, muitas contaram suas histórias, outras falaram sobre as crianças de suas escolas, mais especificamente sobre as carências materiais de seus alunos, algumas disseram nunca terem parado para pensar sobre o que envolve a produção daquilo que consumimos e tampouco a importância de esclarecer o assunto para as crianças refletirem.

Através dos diálogos foi possível perceber que apesar da educação ambiental estar presente nos ensinamentos das escolas, o mesmo era trabalhado de maneira estanque em momentos específicos, descontextualizados e de forma fragmentada.

Após longo debate, sobre os relatos, o grupo se manifestou sobre a importância de estimular as crianças através de atividades interdisciplinares que propiciem a reflexão, sensibilização e motivação para um efetivo envolvimento dos educandos a partir de sua própria realidade.

No terceiro encontro o grupo trouxe informações riquíssimas sobre o trabalho nas escolas, disseram ter estimulado a reflexão de seus alunos através de roda de conversas, baseadas na discussão sobre o consumo exacerbado e ficaram surpresas com a capacidade de raciocínio crítico das crianças, que fizeram várias observações sobre o consumismo, e a relação desse com a mídia (televisiva), sobre os milhares de propagandas que induzem o consumo.

As professoras relataram que usar uma metodologia diferente, com as crianças, a princípio as deixou apreensivas, mas sair do modelo tradicional de ensino, baseado em passar informações, foi muito produtivo.

Ouvir as crianças, deixar que expressassem suas ideias, foi algo que as surpreendeu, pois achavam que os alunos, iriam se dispersar, quando na verdade ficaram envolvidos e a maioria participou efetivamente da atividade, expondo suas ideias e opiniões, assim sendo, “na descoberta criou-se conhecimento novo, não realidade nova embora a partir daí se possa inventar usos novos do conhecimento (DEMO, 2001, P.29).

Sobre a criação de novos conhecimentos Freire (1996, p.28) nos ensina que: “ao ser produzido, o conhecimento novo supera o outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã”.

Aproveitando a discussão sobre a criticidade das crianças aproveitamos para introduzir, na conversa, um autor de extrema relevância em se tratando de análise crítica: Paulo Freire. Pela sua relevância, todas o conheciam e dessa forma, os diálogos fluíram, discutimos sobre a importância da educação crítica e como as questões socioambientais proporcionam facilmente essa análise crítica e interdisciplinar.

Conhecer, perceber e se perceber enquanto parte de uma realidade é um passo importante para transformação do que entende ser necessário mudar, conforme nos ensina Brandão (2006, p.11) “conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele”.

Através dessas reflexões o grupo concluiu, que ir para o espaço concreto seria fundamental como forma de despertar nos educandos uma análise crítica sobre as questões socioambientais da Ilha do Valadares.

Dessa forma, decidimos partir para a caracterização da Ilha, em suas várias vertentes, através de saídas a campo, como forma de abarcar a totalidade do espaço onde vivem, identificando os problemas, numa forma produtiva de estudo, pois só se transforma aquilo que se conhece.

Acresce que, as professoras refletiram e, entenderam baseadas nos ensinamentos de Paulo Freire, mais especificamente em sua obra Pedagogia da Autonomia, que antes de dar início as saídas de campo elas precisavam se preparar, estudar e planejar a melhor forma de contextualizar junto aos educandos as temáticas que cada uma escolheria para o desenvolvimento das atividades.

Reconhecendo a importância e a relevância das temáticas serem contextualizadas, acreditamos ser fundamental sensibilizar as professoras de que vivemos em um mundo de diversidades, onde a individualidade e as vivências dos alunos devem nortear a seleção do conteúdo, das temáticas.

Acreditamos, portanto, ser necessário oferecer subsídios às professoras para auxiliá-las na condução de sua prática pedagógica, de forma a ressignificar alguns conceitos.

Como forma de exemplificar que cada povo constrói seus próprios conceitos resolvemos levar a análise do grupo, em nosso quarto encontro um texto baseado em trechos do livro: Os (DES) CAMINHOS DO MEIO AMBIENTE (PORTO GONÇALVES, 1989) que propõe uma reflexão sociológica e epistemológica sobre o ambiente e o movimento ambientalista:

Segundo o autor, cada cultura ou sociedade cria seu conceito de natureza, por isso o conceito de natureza não é natural “toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja a natureza, Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens” (GONÇALVES, 1989, p.23), daí a importância de refletir e analisar como foi e como é concebida a natureza na nossa sociedade.

O autor propõe outra relação do homem com a natureza. Choca-se com valores já consagrados que perpetuam os problemas que deveriam ser resolvidos.

Ele destaca que a nossa sociedade, relaciona, por exemplo, nome de animais a coisas ruins a xingamentos (Burro, anta, cachorro, veado), ela toma a natureza como inferior, como dominada (como se o homem não fosse também natureza).

Dessa forma, a natureza então, para nossa sociedade, é algo a ser possuída, é ainda subdividida em: física, química e biologia enquanto o homem é também subdividido, em: economia, sociologia, antropologia, história, etc.

Existe ainda, segundo o autor, esse costume ocidental de não aceitar o que não é homogêneo e transformar as diferenças em hierarquias. O autor alerta sobre o conceito de que o natural é imutável.

Cuidado para não nos convenceremos de que se é natural então imutável. Não devemos aceitar ou naturalizar situações como, por exemplo: é natural que tenhamos a classe dominante e a dominada essa relação sempre existiu e, portanto é natural.

Sobre o capital destaca que é uma relação social que se instaura num contexto de elite, não porque é melhor, racional ou natural. A continuidade de uma sociedade com base capitalista depende da reprodução das classes sociais, fazendo com que sempre haja pessoas sem condições que precisem se submeter aos danos do capital.

Quanto a Biologia e a Ecologia, passaram a ganhar força a partir dos anos 60. Ou vemos a natureza já de forma hostil ou com harmonia, mas de uma forma ou de outra o homem ainda não faz parte da natureza.

Sobre o ecossistema o autor diz ser menos ambíguo do que a natureza e o ambiente. Na verdade, para ele, cada ecossistema é um todo que se organiza a partir das interações dos seres que constituem. Diversidade, vitalidade, resistência, abertura e complexidade caminham juntos e parecem mutuamente interligadas.

O autor destaca a necessidade de superar as duas concepções de natureza que dominam na sociedade ocidental: “ou a natureza é o lugar onde todos lutam contra todos, onde impera a “Lei da Selva ou a natureza é lugar de bondade e harmonia” (GONÇALVES, 1989, p.74), não é nem o caos nem o cosmos é preciso uma visão que comporte tanto a rosa quanto o espinho (a roseira).

O homem na natureza e a natureza no homem, o autor ressalta que a maneira de organização social humana está destruindo a natureza. A sociedade moderna ignora que a cultura não exclui a natureza, ela se desenvolve no interior dela, possibilitando, portanto novos caminhos, novas culturas, novas formas de mediação entre homem e a natureza. “E o corpo não admite separação entre homem e natureza ele comporta os dois indissociavelmente” (GONÇALVES, 1989, p.92).

Com base no texto apresentado foi possível perceber a criação de conceitos pela sociedade e a necessidade de refletir sobre a naturalização de fatos que na verdade não deveriam ser vistos como naturais.

Sobre essa situação, Leff (2001) explica sobre a necessidade de uma nova ética que se manifeste através de equilíbrio do homem com a natureza, princípios democráticos e valores culturais dando assim, sentido à existência humana. Se traduzindo, dessa forma, num conjunto de práticas sociais transformadoras das estruturas de poder associadas à ordem econômica posta.

Nessa vertente, Leff (2001, p.60) diz ainda que o processo histórico da ciência moderna e a revolução industrial tiveram grande influência na atual problemática ambiental, dando lugar [...] “ao fracionamento do conhecimento e à

compartimentalização da realidade em campos disciplinares confinados, com o propósito de incrementar a eficácia do saber científico e a eficiência da cadeia tecnológica de produção”.

Seguindo essa linha de pensamento, a ideia de caracterizar a Ilha teve como intuito chamar atenção, da comunidade, para a própria Ilha, como forma de refletir e buscar soluções conjuntas para os problemas socioambientais, bem como perceber e desnaturalizar o que não é natural.

Nesse sentido chamar atenção dos envolvidos para a própria Ilha buscou a representação subjetiva de uma ação concreta, de uma realidade objetiva exatamente como ela é, não como ela aparenta ser.

Também objetivou despertar, nos participantes, o sentimento de pertencimento para que, em se sentindo parte, busque a promoção de mudanças a fim de intervir e amenizar os problemas socioambientais presentes na comunidade.

Alguns costumes naturalizados pela da comunidade ilhéu, levantado pelo grupo, foram: queimar folhas e lixo (muito comum na ilha); não separar o lixo seco do molhado (apesar de ter coleta seletiva na ilha), poço artesiano próximo a locais insalubres (como lixão desativado), descarte de esgoto, sem tratamento, no rio, a ponte que está com rachaduras além de problemas com as drogas ilícitas que tomam conta de um bairro, na Ilha, chamado “beco do óleo”.

Além é claro, de perceber e valorizar o que a ilha oferece de bom como a linda paisagem do “mar de lá” (uma parte da ilha), paisagem insulana, a conservação dos costumes caiçara como fabricação de farinha, o fandango e artesanatos, o potencial turístico devido às belas paisagens e os costumes, “o princípio de conhecer como possibilidade de transformar só é realizável à medida que exista uma participação efetiva em determinada realidade (BRANDÃO, 2006, p.169)”.

Ainda segundo Brandão “na linguagem de Michel Crozier, poderíamos dizer que o objetivo desta análise qualitativa é identificar e explicar as “estratégias” de diferentes tipos de agentes nas situações com as quais se defrontam” (1984, p.58).

Dessa forma no quinto encontro definimos como seria a exposição com a caracterização da Ilha dos Valadares: cada instituição definiria uma temática ambiental junto a seus pares, e desenvolveriam atividades na escola com os alunos e seus familiares. No dia dez de novembro do ano de dois mil e dezessete os trabalhos foram expostos na Praça Cyro Abalem, Ilha dos Valadares.

As crianças que participam das oficinas de reciclagem na AMIV (Associação dos Moradores da Ilha do Valadares) também foram convidadas a participar da exposição, representando os espaços não formais de educação da Ilha.

O quadro nº 2 abaixo transcrito foi criado por uma das pesquisadoras, Paula da Silva Inácio Pereira, com base nos trabalhos elaborados pelos subgrupos, descreve temáticas, objetivos e competências desenvolvidas nas instituições de ensino utilizando metodologias discutidas no grupo de pesquisa:

QUADRO 2: AÇÕES REALIZADAS NO ESPAÇO FORMAL

Instituição	Temática	Objetivos	Ações Desenvolvidas
CMEI 1	Manguezal e Fandango	Realizar aulas de campo; Apresentar a dança típica em atividades de dança e movimento; Contextualizar o tema com atividades em sala de aula.	Os profissionais levaram às crianças até o manguezal próximo à instituição, assim como na Cooperativa de Reciclagem para contextualizar a temática. Apresentaram o Fandango para às crianças em diversos momentos da rotina escolar. A dança foi representada pelos pequenos em diversos momentos.
CMEI 2	Pesca e Esporte	Levar às crianças a beira do Rio Itiberê, próximo ao CMEI. Trazer pessoas que sobrevivem da pesca para relatos de experiências com crianças e professores. Explorar o campo de futebol que está ao lado do CMEI para realização de atividades físicas	A apresentação dos utensílios de pesca e diversas atividades com os elementos que envolveram a temática. Inclusive a degustação de comidas típicas e roda de conversa entre familiares pescadores com as crianças. Os exercícios no campo se estenderam para o CMEI com a readaptação da área externa na reorganização da distribuição dos brinquedos e construção de uma caixa de areia.
CMEI 3	Mobilidade Insulana	Levar às crianças a rotina do transporte público na Ilha dos Valadares; Contextualizar o transporte escolar característico da Ilha; Realizar com as famílias atividades referentes à temática.	Passeios de ônibus foram realizados com as crianças do CMEI. Professores levaram às crianças à bicicletarias para conhecer a rotina do profissional; Passeio ciclístico com os pais pelo entorno da Ilha e de barco pela baía de Paranaguá. Brincadeiras na Praça com as crianças e professores uma vez por semana. Conhecer o trajeto e como se dá o transporte escolar da Ilha com a “carrocinha” ¹

ESCOLA 1	Território Ambiente e	Construir jogos referentes à temática; Desenvolver ações na escola;	Rodas de conversa com as crianças do período integral; Intensificou o Projeto já desenvolvido pela escola: Cidadão Consciente Mirim, um monitoramento dos espaços da escola na questão da limpeza e manutenção dos espaços; Jogos foram construídos para as crianças e uma peça teatral foi apresentada pelos próprios alunos "Bicho Sujó".
ESCOLA 2	Reciclagem	Aula de Campo; Reproduzir com as crianças os locais públicos que se localizam na Ilha dos Valadares que relacionam as demandas ambientais.	Os professores levaram as crianças até a Cooperativa de Reciclados da Ilha dos Valadares e reforçaram na escola e para as famílias a importância da coleta seletiva. Construíram maquetes da Cooperativa de Reciclagem, Cemitério Municipal, Fábrica de Bloquetes, Praça Ciro Abalem, Passarela da Ilha dos Valadares e a balsa. Além da degustação de alimentos fabricados na Ilha dos Valadares.

Fonte: PEREIRA, P.S.I (2017).

Além das escolas e CMEIs, participaram do evento alguns convidados como a contadora de histórias denominada de Bruxa Ada, moradora de Paranaguá, que atendeu prontamente nosso convite e contou histórias para crianças e adultos relacionados aos cuidados que devemos ter com o ambiente.

Outra convidada veio do município de Morretes/PR, com apresentação de teatro de bonecos, enriquecendo ainda mais o evento, para a alegria das crianças.

Quanto à participação da AMIV, para caracterizar a ilha, as meninas fizeram exposição de seus trabalhos manuais utilizando materiais recicláveis, além de poemas e desenhos.

Dessa forma, o evento contribuiu para uma ação transformadora, no que diz respeito ao desenvolvimento de metodologias, experimentadas pelas educadoras.

A metodologia, por elas utilizadas, tiveram como intuito provocar uma análise crítica em seus educandos e despertar o interesse pelas questões socioambientais.

Após passarem por todo o processo de discussão e estudos em grupo, acreditam que através da educação e o despertar do senso crítico é possível formar cidadãos conscientes e capazes de minimizar as agressões ao ambiente e melhorar a qualidade de vida na região, como ficou evidenciado nas falas dos atores durante

as atividades realizadas, evidenciadas através observação participante e diálogos.

5.2.1 Os achados e primeiras análises

Neste item retomo os distintos momentos de coleta de informações, desenvolvidos durante a realização da pesquisa, como possibilidade de subsidiar a análise do processo empírico.

5.2.2 Roda de conversas: uma reflexão a partir das práticas pedagógicas

Escolhemos a Roda de Conversa por ser um espaço de diálogo, em que os sujeitos podem explanar suas vivências, escutar e refletir sobre os assuntos abordados, é neste processo de dialogicidade, que brota a reflexão.

As professoras relataram que as escolas, onde lecionam, possuem momentos específicos para abordar assuntos relacionados à Educação Ambiental.

Todos os anos desenvolvem atividades na semana do ambiente, momento que produzem com as crianças cartazes, teatrinho e oficinas com material reciclável, explicam para as crianças sobre a importância da preservação do ambiente, através de atitudes como separar o resíduo seco do molhado, não jogar lixo na rua ou no pátio da escola.

Alguns questionamentos foram feitos ao grande grupo, por nós mestrandas, como forma de provocar a reflexão, sobre a forma que as questões socioambientais vêm sendo trabalhadas.

Perguntamos se as professoras, antes de definir as atividades faziam passeios pelo entorno da escola para que as crianças pudessem vivenciar a realidade e apontar, elas mesmas, alguns achados relacionados ao tema.

Relataram não lançarem mão desse método de saída a campo, costumam realizar as atividades nas salas de aula ou no pátio da escola e complementaram a fala dizendo ser a primeira vez que participam de um grupo de estudos relacionado ao Ambiente, especificamente.

Pontuaram a relevância do grupo de estudos como forma de pensar metodologias diferenciadas para enriquecer suas atividades pedagógicas sobre questões socioambientais.

Através dos diálogos e reflexões, foi possível constatar que as professoras estão cientes sobre a importância de trabalhar questões relacionadas ao ambiente

no espaço escolar.

No entanto, todas relataram que trabalham o tema em momentos específicos, como semana do ambiente, onde produzem com os alunos cartazes e mostras sobre a importância da preservação.

Outra questão observada é que as professoras não participaram de capacitações para discutir a forma que a EA poderia ou deveria ser trabalhada nas escolas.

O resultado é a transmissão de um conhecimento pronto, sobre as questões que envolvem o ambiente, através de projetos extracurriculares fragmentados e desarticulados das práticas cotidianas.

Sendo assim as questões ambientais, apesar de presentes no espaço escolar das séries iniciais da Ilha do Valadares, não alcançam o objetivo maior, que é levar os educandos a compreender e refletir os problemas socioambientais, para formação de sujeitos críticos, autônomos, capazes de agir e transformar a realidade posta.

Segundo Freire (1996, p.39), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Tal reflexão foi fundamental para nosso objeto de estudo, ponto de partida para traçar caminhos que possibilitem as educadoras conhecer metodologias e técnicas que possibilitem uma educação socioambiental realmente transformadora.

5.2.3 Vídeo- História das Coisas: enquanto ferramenta no processo de ensino e aprendizagem

O “História das Coisas” é a versão em português do curta (20 min.) “The Story of Stuff”, de Anne Leonard.

O documentário aborda o consumo exacerbado de bens materiais e o impacto dessa prática sobre o ambiente, numa abordagem que leva o sujeito a refletir não apenas sobre a influência da mídia nessa ação, mas do nosso papel, enquanto sujeitos conscientes, dos riscos do consumo desenfreado.

Após assistirem o vídeo as professoras relataram que ficaram impressionadas, pois elas mesmas nunca haviam refletido sobre o consumismo da forma como foi abordada no filme, disseram que passariam a lançar mão de recursos audiovisuais em suas aulas, como forma de enriquecer momentos para reflexão.

Comentaram que iriam trabalhar o tema com as crianças na escola e que no

próximo encontro fariam seus relatos.

Pois bem, o grupo trouxe informações sobre a forma que trabalharam nas escolas o tema consumismo, disseram terem ficado surpresas com a capacidade de raciocínio crítico das crianças, que fizeram várias observações sobre o consumismo tendo inclusive feito relações com a mídia (televisiva) sobre os milhares de propagandas para induzir o consumo.

Relataram que com uso de um recurso simples, transformaram a aula num momento de reflexão para as crianças e destacaram mais uma vez o quanto nossos encontros estavam abrindo caminhos metodológicos, que apesar de simples, não eram utilizados, pois segundo elas, “acabam caindo na mesmice do dia a dia”.

O objetivo de exibir o filme, para as professoras, foi provocar sobre a possibilidade e importância do uso das mídias como instrumento metodológico, para despertar nos estudantes uma participação ativa, já que proporciona correlacionar o assunto, neste caso socioambiental, com o conteúdo abordado.

Sobre o uso das mídias no processo de ensino aprendizagem Oliveira (2014) ressalta sobre a possibilidade do uso das tecnologias da informação e comunicação como forma de articular e integrar conteúdos educativos.

A autora destaca ainda que “a inclusão de atividades mediadas pela tecnologia no ensino presencial pode estender a atividade de sala de aula para além deste espaço (OLIVEIRA 2014, p.3).

Dessa forma o grupo compreendeu que o uso das tecnologias, ampliam as possibilidades das práticas educativas, cabendo aos professores lançar mão desses recursos como métodos pedagógicos.

5.2.4 Caracterização da Ilha dos Valadares a partir de múltiplos olhares: a aula de campo como estratégia de ensino e aprendizagem

Conhecer, perceber e se perceber enquanto parte de uma realidade é um passo importante para transformação do que entende ser necessário mudar, conforme nos ensina Brandão (2006, p.11) “conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele”.

Foi a partir dessa reflexão que o grupo teve a ideia de caracterizar a Ilha como ferramenta pedagógica para levar os educandos a refletirem sobre a realidade do local onde vivem.

Dessa forma o trabalho de caracterização da Ilha se deu através da escolha de diferentes temáticas. Cada estabelecimento desenvolveu uma pesquisa de campo diversa, como pode ser observado no quadro acima disposto e que passo a transcrever, com as devidas observações por elas relatadas.

O CMEI I trabalhou com as temáticas: Manguezal e Fandango, tendo desenvolvido saídas de campo e trabalhado o Fandango em atividades dentro do espaço escolar.

Sobre o desenvolvimento das atividades as educadoras relataram que aulas de campo, para promover a educação socioambiental, de forma contextualizada e interdisciplinar, através de diferentes olhares, foi uma experiência ímpar, de extrema relevância.

Que durante a visita no manguezal, quando elas explicavam sobre a importância do mangue e a necessidade de preservar, puderam ouvir, das crianças, relatos de que o mangue era um local onde seu pai “pescava” caranguejo e ganhava muito dinheiro.

Através da fala das crianças, segundo as professoras, foi possível enfatizar a importância do manguezal para a comunidade e fazê-las refletir sobre a importância de preservar, não apenas por ser natureza viva, mas também por ser um meio de subsistência para muitas famílias.

Dessa forma, segundo as professoras, puderam perceber a riqueza do momento, quando as crianças relacionaram as atividades escolares com o cotidiano e puderam perceber, de forma contextualizada que, o que se aprende na escola deve ser aplicado no dia a dia.

O CMEI II, trabalhou as temáticas pesca e esporte através de saídas a campo, relatos de experiências por pescadores locais que foram até a escola conversar com as crianças sobre suas experiências com a pesca e apresentação de utensílios utilizados para pescar.

No que diz respeito a parte esportiva, além de utilizarem o campo, fora da escola para praticar atividades, as crianças participaram da reestruturação do pátio da escola reorganizaram os brinquedos para criar espaço para construção de uma caixa de areia.

Sobre as atividades as professoras salientaram a alegria e envolvimento das crianças durante as atividades, o que as fez refletir, sobre a importância de introduzir, em suas rotinas pedagógicas, atividades externas bem como, trazer os

pais e parentes para escola, para partilhar saberes, por entenderem que esse método traz resultados positivos, para despertar nas crianças o senso crítico e fazer com que relacionem a teoria com a prática.

CMEI III, por sua vez trabalhou com a temática mobilidade insulana, levaram as crianças para conhecer o transporte público tradicional que funciona na Ilha, de uma empresa de ônibus de Paranaguá e também o transporte característico da Ilha feito por uma carroça (veículo com tração animal), passeios de bateira (pequena embarcação com fundo chato) e ainda foram a algumas bicicletarias, já que as bicicletas são o meio de transporte mais utilizado na Ilha.

Com relação as atividades desenvolvidas as professoras disseram ter sido uma experiência riquíssima, não apenas para as crianças mas para elas próprias, que tiveram a oportunidade e aprender enquanto ensinavam, pois apesar de trabalharem na ilha algumas nunca tinham andado de bateira e sequer sabiam como era sua estrutura.

Sobre o transporte público, levaram as crianças para andar de ônibus e puderam, elas e as crianças, conhecer trajetos nunca antes percorridos por alguns ali presentes, a carroça, ainda utilizada como transporte escolar por algumas crianças foi uma atração para elas, pois o “tio da carroça”, como as crianças o chamam, é um senhor muito comunicativo que demonstra prazer em realizar o seu trabalho e transmitiu para elas e para as crianças a importância em se orgulhar daquilo que se faz, em benefício próprio e de outros.

Nas bicicletarias as crianças e professoras, segundo seus relatos ao grande grupo, tiveram a oportunidade de debater com as crianças o valor de uma profissão que para muitos é simples, porém de grande importância para a comunidade.

A Escola I trabalhou a temática Território e Ambiente, construiu jogos interativos e desenvolveu ações, relacionadas ao ambiente, na escola.

As professoras relataram ter intensificado um projeto já existente e ativo na escola, intitulado “Cidadão Consciente Mirim”, que consiste no monitoramento, pelas crianças, da limpeza e conservação dos espaços da escola, essa intensificação, como elas intitularam, foi feito através de roda de conversas que abordaram a necessidade e importância de atitudes de manutenção e limpeza ser estendida para fora dos muros da escola.

Os jogos interativos, construídos pelas crianças foram embasados no resgate de brincadeiras antigas, como amarelinha, cabo de guerra, vai e vem e cantigas de

rodas.

Sobre essa atividade as professoras ressaltaram que valorizar e resgatar costumes da comunidade, através de brincadeiras antigas, foi uma forma ensino-aprendizagem, capaz de despertar, nos educandos, alegria em aprender brincando e transformou a escola num espaço cultural, de trocas de conhecimento e oportunidade de expressão.

A peça teatral “Bicho Sujo”, abordou a importância da higiene corporal para manutenção da saúde, segundo as professoras, um momento rico de ensino-aprendizagem, pois a montagem e execução da peça foi feito de modo interativo, ou seja as crianças puderam opinar e interagir e os pais/responsáveis foram envolvidos na montagem dos figurinos, havendo dessa forma uma aproximação da escola com a comunidade.

E por último, porém não menos importante, segue o relato sobre a Escola II que abordou o tema Reciclagem a temática foi desenvolvida primeiramente com uma visita das crianças até a Cooperativa de Reciclagem da Ilha dos Valadares, onde puderam vivenciar como é feita a separação e armazenagem de resíduos recicláveis e posteriormente debater, em sala de aula, sobre a importância da coleta seletiva e reciclagem para reaproveitar os materiais e reduzir o consumo de matéria-prima além de contribuir na diminuição da poluição da água, do ar e do solo.

Sobre essa atividade, as professoras relataram que por terem vivenciado, na prática, através da visita a cooperativa, sentiram as crianças bem mais estimuladas a conversar sobre o tema, tendo facilitado as atividades propostas, já que todos quiseram expor ideias e contar fatos ocorridos em casa ou na vizinhança, sobre a coleta ou armazenagem de resíduos.

Mas a visita a Cooperativa não foi a única atividade de campo de realizaram, como a ideia para a mostra era a construção de maquetes visitaram vários outros locais da ilha, como o cemitério, fábrica de Bloquetes, Praça Ciro Abalem, Ponte que liga a Ilha ao continente e a balsa que faz o transporte de veículo do continente para a Ilha e vice versa.

Após todas essas vivências as crianças produziram, com material reciclável, maquetes, representando os locais da Ilha dos Valadares, que foram expostas no dia 10/11/2017 na Praça Cyro Abalem, Ilha dos Valadares. Abaixo segue a foto das maquetes:

Figura: maquetes construídas pelas crianças



Fonte: O autor (2018)

Sobre a construção das maquetes as professoras destacaram a preocupação que as crianças tiveram com os detalhes e ressaltaram poder sentir, através de gestos, olhares e atitudes o prazer e orgulho, dos alunos em reproduzir a Ilha.

Destacaram também a importância das saídas a campo para reprodução dos detalhes e disseram realizadas e felizes com o resultado dos trabalhos.

Sendo assim, partindo das observações, por elas expostas, salientamos que o trabalho de campo, uso das mídias, rodas de conversa e envolvimento da comunidade nas práticas escolares, são práticas pedagógicas que possibilitam maior aproximação dos educandos com a realidade local e auxiliam no desenvolvimento global dos educandos.

Esse contato com o espaço físico local, encaminha os educandos a uma reflexão da essência dos problemas, já que permite perceber características, imperceptíveis por exemplo, através de mapas ou fotos que não possuem o dinamismo necessário para promover a compreensão da realidade.

Significa dizer que estas práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem devem ser desenvolvidas pelos educadores em suas práticas escolares, para formar sujeitos críticos, capazes de agir sobre o mundo com autonomia.

Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções (FREIRE, 1983, p. 30).

Ainda nas palavras de Freire (1996, p.77) temos que, “constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela”.

Dessa forma ficou compreendido, nessa etapa de estudos, que a inserção da educação socioambiental numa perspectiva crítica só é possível se o educador assumir uma postura de reflexão de sua prática e uso de metodologias apropriadas.

5.3 Terceiro Momento: Inserção dos Agentes Comunitários de Saúde no grupo de estudos: Comunidades Educativas sobre questões socioambientais na Ilha dos Valadares.

A temática socioambiental representa a oportunidade de articular uma prática inovadora em diferentes âmbitos, envolvendo variados segmentos da comunidade, pois devido a sua importância, não deve ser abordada apenas pela escola.

No segundo momento as professoras estudaram e debateram maneiras de trabalhar a educação socioambiental de forma crítica para levar o aluno a participar de forma efetiva dos assuntos a ele relacionados.

Já neste terceiro momento, a pretensão foi a troca de experiências, envolvendo outro segmento que também exerce suas atividades, de trabalho, junto à comunidade: os Agentes Comunitários de Saúde, como forma de integrar saberes e ampliar possibilidades no processo de ensino e aprendizagem das educadoras.

Sobre a troca de saberes Leff (2001, p.60) afirma que “a problemática ambiental na qual confluem processos naturais e sociais de diferentes ordens de materialidade não pode ser compreendida em sua complexidade nem resolvida com eficácia sem o concurso e integração de campos diversos do saber”.

Nessa vertente o autor destaca que o diálogo de saberes arraigado na democracia, demanda a participação da comunidade no processo de produção de conhecimento, num encontro entre vidas, numa confluência de identidades, experiências e tradições, legitimados por diferentes racionalidades que se cruzam e se complementam (LEFF, 2001).

A percepção de cada ser, sobre o ambiente, sofre a influência do contexto social onde está inserido, cada indivíduo, dessa forma, enxerga a realidade através de suas concepções.

Portanto, “a dimensão ambiental representa a possibilidade de lidar com conexões entre diferentes dimensões humanas, possibilitando entrelaçamentos e trânsitos entre múltiplos saberes” (JACOBI,2005, p.244).

Ainda segundo o autor “vive-se, no início do século XXI, uma emergência que, mais que ecológica, é uma crise do estilo de pensamento, dos imaginários sociais, dos pressupostos epistemológicos e do conhecimento que sustentaram a modernidade”.

Compreender, conhecer e respeitar formas diferentes de ver o mundo se faz necessário, para desconstruir conceitos pré-determinados, sejam eles advindos de gerações pregressas ou criados pelo próprio indivíduo, com base na realidade do dia a dia.

O principal eixo de atuação deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença por meio de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas (JACOBI, 2005, p. 243).

A produção de novos conhecimentos, segundo Leef (2001), para a transformação de paradigmas, é possível através de diálogos e integração de saberes com a colaboração de diferentes especialidades, ou seja com o diálogo entre diferentes campos do saber.

Se faz necessário conhecer a realidade das famílias dos alunos que frequentam a escola, para facilitar a compreensão dos professores sobre os hábitos e posturas dos educandos, frente aos problemas socioambientais vivenciados, oportunizando dessa forma, traçar novas metodologias, que consigam despertar o pensamento crítico e a compreensão de que cada indivíduo vê o mundo de uma forma diferente, levando-os a respeitar diferenças e unir conhecimentos para analisar e transformar a realidade, num esforço conjunto de todos os envolvidos.

Dessa forma, segundo Jacobi (2005), a Educação Ambiental assume cada vez mais, de forma ativa, o delineamento de um processo intelectual de aprendizado social, baseado no diálogo e interação como forma de reinterpretar ou reinventar informações, conceitos e significados, que se originam no decorrer da vida do aluno.

Conhecer a realidade das crianças, fora do ambiente escolar, oportuniza perceber os aspectos da sua realidade, visando à melhoria do ensino-aprendizagem, na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é abordada essa relevância:

[...] mostrar a importância da participação da comunidade na escola, de forma que o conhecimento apreendido gere maior compreensão, integração e inserção do mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade – cidadãos - desde o primeiro dia de sua escolaridade. (BRASIL, 1997, p. 10).

Para concretizar esse desígnio, entendemos ser fundamental a integração entre a escola e a comunidade atendida, reconhecendo e valorizando os saberes extracurriculares, efetivando parcerias no trabalho educativo.

Dessa forma consideramos que os participantes do processo educativo, formal e não formal, possuem competência para colaborar na elaboração de propostas objetivando a melhoria da educação socioambiental.

O processo de interação entre os segmentos da comunidade para ser efetivo, deve ser pautado no diálogo e na confiança.

Numa pesquisa do tipo participante que, nesse momento, visa a troca de saberes e o despertar da interdisciplinaridade, Brandão (2006, p. 41) tem a nos ensinar que “de uma maneira crescente, de uma para outras experiências, as equipes responsáveis pela realização de pesquisas participativas devem incorporar e integrar agentes assessores e agentes populares”.

Ainda segundo o autor [...] “a pesquisa deverá envolver, sempre que possível, as interações entre diferentes planos e domínios de estruturas e processos inter-determinantes da sociedade” (BRANDÃO, 2006, p. 46).

Foi nessa perspectiva e por acreditar que, na construção de saberes, a escola não deve caminhar sozinha, mas envolver a comunidade, com objetivo de ampliar possibilidades e trazer novos conhecimentos, numa soma de esforços, para se chegar a um objetivo comum, buscamos um novo segmento para integrar o grupo.

Sendo assim, para integrar o grupo de estudos sobre os problemas socioambientais da ilha dos Valadares, convidamos, após prévia autorização da Secretaria de Saúde do Município de Paranaguá, os Agentes Comunitários de Saúde, que atuam na ilha dos Valadares.

Sobre os agentes comunitários de Saúde, segundo informações, fornecidos pela Secretaria de Atenção à Saúde, através do Portal do Departamento de atenção Básica do Governo Federal do Brasil, temos as seguintes informações: o programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) foi oficialmente implantado pelo

Ministério da Saúde em 1991, tendo sido efetivado no fim da década de 80, através da iniciativa de algumas ONGs em áreas do Nordeste (e outros lugares, como o Distrito Federal e São Paulo) que buscavam alternativas para melhorar as condições de saúde de suas comunidades.

Composta por uma nova categoria de trabalhadores, formadas pela e para a própria comunidade, atuando e fazendo parte de programas de saúde prestados nas localidades.

A Secretaria de Atenção à saúde afirma ainda, a profissão de Agente Comunitário de Saúde (ACS) é uma das mais estudadas pelas universidades de todo o país.

Isso pelo fato de os ACS transitarem por ambos os espaços – governo e comunidade – e intermediarem essa interlocução. O que não é tarefa fácil.

O agente comunitário de saúde tem um papel muito importante no acolhimento das famílias, pois é membro da própria comunidade, o que permite a criação de vínculos mais facilmente.

No município de Paranaguá o cargo de Agentes comunitários de saúde foi implantado pela Lei Complementar nº 139, de 28 de maio de 2012.

Tendo como atribuições, segundo a lei supramencionada: desenvolver e executar ações de prevenção da saúde, por meio das ações educativas e coletivas, preferencialmente nos domicílios e na comunidade, sob supervisão competente; desenvolver ações que busquem a integração entre equipes de saúde e a população adstrita à unidade básica de saúde, considerando as características e as finalidades do trabalho de acompanhamento de indivíduos e grupos sociais ou coletividades; realizar, em conjunto com a equipe de saúde, atividades de planejamento e avaliação das ações de saúde no âmbito social de adstrição da unidade básica de saúde; desenvolver ações de promoção social e de proteção e desenvolvimento da cidadania no âmbito social e da saúde; desenvolver, em equipes, ações de promoção da saúde visando a melhoria da qualidade de vida, a gestão social das políticas públicas de saúde e o exercício do controle da sociedade sobre o setor da saúde; desenvolver ações de prevenção e monitoramento dirigidas a grupos específicos e a doenças prevalentes, conforme definido no plano de ação da equipe de saúde e nos protocolos específicos da saúde pública; colaborar nas ações de vigilância em saúde, realizar levantamento de estudos, coleta de dados populacionais e estatísticas vitais; desenvolver ações de prevenção e

monitoramento dirigidas às situações de risco ambiental e sanitária para a população, conforme plano de ação da equipe de saúde, executar outras tarefas de mesma natureza ou nível de complexidade, associadas à sua especialidade e grupo ocupacional.(Prefeitura Municipal de Paranaguá).

Paranaguá, possui 231 agentes comunitários de saúde, desses, 28 atuam na ilha dos Valadares, sendo 27 do sexo feminino.

Para participar do grupo de estudos as agentes foram convidadas através de e-mail e carta convite dos 28 convidadas, participaram do grupo de estudos 12 Agentes.

Os encontros aconteceram entre o dia vinte e um de junho de dois mil e dezoito até cinco de julho do mesmo ano, perfazendo um total entre encontros presenciais e atividades de leitura e pesquisa, vinte e duas horas.

Assim como no primeiro grupo de estudos, composto apenas pelas mestrandas e professoras, a conversa com as agentes de saúde teve início com a apresentação da proposta do estudo, esclarecimentos sobre a metodologia pretendida por cada mestranda e seus procedimentos, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, pelas novas integrantes do grupo.

Esclarecemos a todos os presentes que viemos trocar experiências, para uma produção partilhada numa estrada de mão dupla, com objetivos a serem traçados em conjunto a partir de discussões e análises sobre a primeira etapa do processo sobre questões socioambientais da Ilha do Valadares.

Ressaltamos a importância dessa junção entre educadoras e agentes de saúde como forma de ampliar possibilidades e trazer novos conhecimentos, numa soma de esforços, com intuito de criar novos métodos de ensino/aprendizagem, para desenvolver cidadãos críticos capazes de transformar a realidade posta.

Deu-se então o início a roda de conversas, com a apresentação das participantes.

As professoras foram as primeiras a se apresentar e ressaltaram que através da participação, dos estudos em grupo, perceberam a importância de envolver os alunos nas questões socioambientais como protagonistas no processo de ensino e aprendizagem, abrindo caminhos para que o estudante pesquise na prática e interaja, de forma a sentir-se parte do processo, desenvolvendo, dessa forma, a capacidade de analisar as situações do cotidiano de sua própria realidade.

Destacou-se a importância da integração de outros segmentos, envolvidos com a comunidade, para auxiliar e enriquecer o trabalho da escola, pois, segundo as professoras, é difícil trabalhar de forma isolada sem auxílio e envolvimento da comunidade de forma geral.

As agentes, por sua vez, se disseram agradecidas pelo convite e se demonstraram animadas para participar do grupo de estudos, disseram que desenvolver ações de forma integrada, com segmentos da comunidade, deveria fazer parte de suas práticas, enquanto Agentes Comunitárias de Saúde.

No entanto, devido a rotina diária, essa integração se tornava difícil e quando receberam o convite viram nele a oportunidade de aprender e especialmente executar uma parte de seu trabalho, que apesar de estar incluso em suas atribuições como agentes de saúde, não vinham desenvolvendo, por falta de oportunidade.

Demos prosseguimento a conversa destacando a importância da troca de informações entre agentes e professoras, pois as agentes de saúde possuem contato direto com as famílias, conhecem suas alegrias e dificuldades, portanto essa ponte entre escola e família é algo de extrema relevância especialmente para enriquecer a prática pedagógica das professoras.

Vale ressaltar que nesses encontros o número de professoras foi reduzido devido a um curso paralelo que estavam participando, oferecido pela Secretaria de Educação.

No entanto as professoras que optaram por participar de nossos encontros vieram com dupla tarefa, trazer para o grupo as experiências vivenciadas durante a primeira etapa da capacitação e discutir com as agentes a melhor forma de integrar os dois segmentos, educação e saúde, para enriquecer o ensino/aprendizagem nas escolas envolvidas.

O mapa da ilha dos Valadares foi exposto através de Datashow para estimular os relatos e situar o grupo sobre o campo de atuação das agentes e a localização das escolas.

Sobre suas funções as agentes relataram que apesar de desenvolverem um trabalho de extrema importância para prevenção de doenças e colaboração para qualidade de vida para as famílias, através de suas visitas as casas, fazendo apontamentos sobre o estado geral de saúde e marcando consultas e exames para os necessitados, não são reconhecidas pelos moradores como fundamentais.

Fato que surpreendeu as professoras e despertou o interesse de trabalhar, na escola, as funções das ACS para sensibilizar os educandos sobre a importância do trabalho por elas desenvolvidos na promoção da saúde e bem estar.

As agentes destacaram também a dificuldade em encontrar, inicialmente, o endereço das famílias devido à falta de sinalização na Ilha, tanto relacionada ao nome de ruas quanto ao número nas casas.

A esse respeito o grande grupo destacou que a falta de sinalização atrapalha, inclusive, no desenvolvimento turístico na Ilha que dispõe de belezas naturais e culturais como a fábrica de farinha e a casa de fandango, no entanto não há estímulo para prática do turismo.

Finalizado esse primeiro momento, ficou definido que, durante os próximos encontros, cada segmento faria explicações sobre pontos que consideram mais importantes para serem discutidos, no grande grupo, relacionados a saúde e educação, pois se a ideia é trabalhar de forma conjunta, em pró da educação, seria importante a troca de conhecimentos para que cada segmento pudesse falar e propor ações conjuntas, com propriedade.

Sendo assim no segundo encontro, as professoras trouxeram um resumo dos estudos e ações ocorridas no primeiro momento da capacitação para apresentar, da forma que abaixo passo a transcrever.

Relataram ao grande grupo, por intermédio de uma das educadoras, eleita entre seus pares, como relatora, que num primeiro momento, quando receberam o convite para fazer parte do grupo de estudos, acreditavam ser mais um curso, onde permaneciam sentadas, caladas, ouvindo palestrantes e fazendo anotações que achassem pertinentes.

Porém no primeiro dia, após ouvirem a proposta das mestradas, de como seriam desenvolvidas as atividades, “ainda meio desconfiadas”, acreditaram que a capacitação se daria de forma dinâmica e que elas, professoras, poderiam opinar, sugerir atividades.

Segundo elas as expectativas foram superadas, pois não só puderam explicar suas ideias, como ampliaram seus conhecimentos através de leituras, debates e atividades elaboradas e executadas no espaço escolar, embasadas nos ensinamentos de Paulo Freire, evidenciado nos diálogos do primeiro módulo.

Elas explicitaram que Freire defende uma educação que desenvolva o senso crítico através de metodologias que propiciem aos alunos a possibilidade de expressão e reflexão, além de valorizar a cultura dos educandos.

Explanaram sobre as atividades desenvolvidas no decorrer da capacitação que valorizaram o diálogo, através de rodas de conversa e a reflexão sobre os problemas socioambientais com as saídas de campo.

Como forma de enriquecer e ilustrar a fala das professoras, nós mestrandas, apresentamos no Data Show, fotografias dos trabalhos desenvolvidos pelas escolas, dessa forma, as professoras puderam fazer a explanação de como chegaram aos resultados das atividades, ou seja o processo que culminou na exposição na Praça Ciro Abalem.

Os relatos das professoras foram essenciais, para as ACS, compreenderem a dinâmica do trabalho e refletirem de que forma poderiam contribuir para enriquecer o trabalho pedagógico das educadoras, no espaço escolar.

As agentes se mostraram encantadas com os trabalhos e voltaram a ressaltar que se sentiam gratas pela oportunidade de integração, pois em muitos momentos se sentem sozinhas e desvalorizadas perante a comunidade, mas que acreditam que através de atitudes com essa (se referindo ao grupo de estudos), terão oportunidade de mostrar o valor de seu trabalho perante a comunidade.

No terceiro encontro foi à vez das Agentes Comunitárias de Saúde, compartilharem, no grande grupo, seus anseios.

O tema escolhido pelas ACS para compartilhar no grupo foi sobre doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

Disseram ter escolhido essa temática, porque apesar de ser um assunto muito divulgado, através de campanhas preventivas, os casos de DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), bem como gravidez precoce, na Ilha dos Valadares, é algo recorrente e por isso temas que, segundo elas, devem ser abordados nas escolas.

Porém para trabalhar temas relacionados à saúde, entendem ser necessário que as professoras conheçam as DSTs e os riscos da gravidez na adolescência.

Dessa forma, trouxeram vídeos, sobre os assuntos, que além de explanarem sobre a gravidez na adolescência e suas complicações expunham as formas de contágio e explicavam os riscos e tratamentos, das DSTs.

O tema foi amplamente debatido, e as ACS, esclareceram dúvidas e explicaram que o assunto ainda é um tabu entre a comunidade e que muitos moradores acometidos por DST, não buscam tratamento por se sentirem envergonhados.

Sendo assim, as professoras se dispuseram a trabalhar com as crianças, de forma adequada para idade, a existência das DSTs, os riscos da gravidez na adolescência e a importância da prevenção.

Se comprometeram multiplicar os saberes trazidos pelas ACS, aos seus pares na escola e desenvolver, em conjunto, atividades sobre as temáticas.

As educadoras ressaltaram a possibilidade das ACS, participarem de reuniões de pais e mestres, nas escolas, e aproveitar o momento para transmitir, através de palestras, a importância da prevenção e tratamento das DSTs, bem como sobre a gravidez na adolescência.

Ressaltaram ser importante também que as ACS enfatizassem para a comunidade questões de higiene pessoal, pois, segundo elas, muitas crianças apresentam problemas de saúde que poderiam ser minimizados através do hábito da higiene, como infestação por piolhos, sarna, chulé, cárie, diarreias constantes e o mau cheiro que ocasiona isolamento por parte dos colegas e afeta a autoestima.

Sendo assim, ao término deste terceiro encontro, o grupo acordou que o próximo encontro, seria para traçar metas e maneiras de integração, entre os dois segmentos, cada participante se comprometeu em pesquisar e colocar as ideias no papel e trazer sugestões no próximo módulo.

No quarto encontro como haviam combinado as participantes apresentaram ideias para integrar as ACS na educação escolar e a educação escolar no trabalho das ACS.

As professoras, após discutirem entre seus pares, segundo elas, reafirmaram a possibilidade das ACS participarem de reuniões e eventos promovidos pela escola, como forma de promover o trabalho das agentes, que poderiam, nesses momentos, divulgar a importância de sua atuação para comunidade escolar esclarecer e sobre o papel dos ACS na promoção do bem estar da comunidade.

Ressaltaram ainda, que os momentos de diálogo, entre ACS e comunidade escolar, tendo como espaço o chão da escola, numa ação integrada, despertaria na comunidade a compreensão, de que os cuidados com a saúde, fazem parte dos

saberes, proporcionando uma visão global, desfragmentada sobre a educação escolar.

As ACS, por sua vez, disseram que pensando nessa participação, apontada pelas educadoras, no terceiro encontro, como uma possibilidade de atuação, trouxeram ideias sobre a forma que poderia ocorrer essa integração.

Propuseram montar peças de teatro, abordando temas relacionados a promoção e prevenção de saúde, envolvendo higiene pessoal, destacado pelas professoras, como um problema que afeta diretamente no desenvolvimento escolar de algumas crianças, gravidez precoce, alcoolismo, violência doméstica entre outros assuntos que poderiam surgir, como relevantes, no decorrer dessa parceria.

As peças de teatro, segundo as ACS sugeriram, poderiam fazer parte da programação de atividades extracurriculares ou serem apresentadas nos dias de reunião, tornando o momento mais atrativo para a comunidade.

A ideia das apresentações foi vista como genial, pelas professoras, que se dispuseram a desenvolver projetos na escola incluindo as peças teatrais.

Sobre os figurinos as professoras disseram que as escolas possuem vários figurinos que poderiam ser adaptados e se comprometeram solicitar à Secretaria Municipal de Educação materiais para confecção do que fosse necessário para incrementar o cenário.

Dessa forma o quarto encontro chegou ao fim e para o quinto e último módulo as professoras propuseram reunir todas as professoras que participaram da primeira parte da capacitação e que participam indiretamente desse segundo momento, por intermédio das professoras que fazem a ponte levando e trazendo as informações e saberes, com as ACS.

Conforme combinado, o quinto encontro ocorreu na escola onde as professoras participavam de um curso promovido pela SEMEDI (Secretaria Municipal de Educação Infantil).

Para surpresa das ACS, as professoras a aguardavam com um delicioso lanche e o momento se transformou numa grande confraternização entre Educadoras e Agentes Comunitárias de Saúde.

Momento em que firmaram, mais uma vez, o compromisso de atuarem em parceria em pró da educação e bem estar da comunidade.

5.3.1 Análises

Através da análise desse terceiro momento, que teve a pretensão de oportunizar a troca de experiências, entre educadoras e Agentes Comunitários de Saúde, como forma de integrar saberes e ampliar possibilidades no processo de ensino e aprendizagem, podemos afirmar que o grupo de estudos foi um espaço de aprendizagem que contribuiu para pesquisa e desenvolvimento de competências para o trabalho em equipe e prática colaborativa.

Nessa vertente, Freire (1996, p.38) nos diz que, “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

O grupo de estudos, enquanto espaço de troca de saberes, visando fomentar metodologias de ensino e aprendizagem, impulsionou a busca de práticas inovadoras, para trabalhar as questões socioambientais, de forma colaborativa, dando ênfase ao desenvolvimento da reflexão, por meio de um diálogo aberto e franco sobre ações educacionais.

Segundo Freire (1996, p.39) sobre a formação de professores enfatiza que, [...] “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Dessa forma, a troca de saberes, através do grupo de estudos, comprovou que o conhecimento também se produz fora da sala de aula, daí a necessidade de se pensar ações que permitam ampliar as relações entre diferentes segmentos, engajados na produção de métodos de ensino e aprendizagem participativos.

Nessa perspectiva, ao se optar por grupos de estudos, como metodologia para formação de professores, privilegiando a participação coletiva, no processo de construção de novos métodos, para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, o respeito e valorização pelas formas de expressão, linguagem, e valores socioculturais, do coletivo envolvido, é matéria que se impõe.

Integrar saberes, proporciona a compreensão da totalidade social e constrói novas formas de ensino/aprendizagem, “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (FREIRE, 1996, p.23/24).

Dessa forma, através do grupo de estudos foi possível dar voz a todos os participantes, propiciando um espaço de elaboração de novos métodos com a inclusão de diferentes olhares e saberes.

Para Leff (2001) o sujeito não é apenas um suporte das estruturas teóricas, mas um agente que, impelido pelo desejo de saber, incita processos discursivos e transporta conceitos, métodos e teorias, do seu objeto de estudo, para outras regiões do saber.

Privilegiar a participação de diferentes segmentos, num mesmo espaço para promover troca de saberes, implica permitir que eles expressem o que esperam da sua formação, que práticas os fazem voltar-se para o seu trabalho e os fazem refletir sistematicamente sobre as suas experiências e valorizar a ampliação do conhecimento.

A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido (FREIRE, 1996, p.69).

Segundo Leff (2001, p.173) “a dialética do conhecimento não é um processo de identificação ou um lugar de coincidência dos saberes, mas um princípio de dissidência e dispersão dos discursos científicos, que tende a preencher a falta “imprescritível” de conhecimento”.

Compreender a realidade educacional de forma contextualizada e produzir métodos de ensino e aprendizagem a partir de saberes, dialogicamente construídos, entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, resultou num instrumento significativo de ação-reflexão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo objetivou compreender a forma como vem sendo trabalhada as questões socioambientais, na rede municipal de ensino, da Ilha dos Valadares. Diagnosticar com os professores da rede Municipal da Ilha dos Valadares as principais demandas ambientais presentes no espaço cotidiano da comunidade escolar, aprofundar diálogos, com professores e comunidade, embasados em teorias e práticas pedagógicas de Educação Socioambiental, que possibilitem traçar caminhos para superação das demandas e desenvolver, com os educadores, metodologias que proporcionem, ao educando, compreender as causas dos problemas socioambientais, como possibilidade de aproximar, dialeticamente educação escolar e intervenção no ambiente.

As análises dos dados levaram em consideração todo o processo de desenvolvimento da pesquisa, a construção do conhecimento através da reflexão e ação recíproca originando, dessa forma, novas ideias e métodos de enfrentamento baseadas nas concepções da dialética.

A pesquisa se constituiu em três momentos distintos, porém complementares, nos moldes e características de pesquisa qualitativa, do tipo participante, onde pesquisador e pesquisados trabalham juntos.

Dessa forma o primeiro momento, da pesquisa, objetivou a inserção da pesquisadora, no *lócus* da pesquisa, por se tratar de uma pesquisa qualitativa do tipo participante a integração do pesquisador no grupo, objeto da pesquisa, para estabelecer um vínculo entre pesquisador e participantes, é essencial para as reflexões introdutórias acerca do tema e das ações necessárias para alcançar os objetivos traçados.

No segundo momento, da pesquisa, houve a criação de um grupo, voltada ao estudo sobre as questões socioambientais na Ilha dos Valadares, momento em que, com base nos diálogos e reflexões, analisado por observação participante, foi possível constatar que as professoras estavam cientes sobre a importância de trabalhar questões relacionadas ao ambiente no espaço escolar.

Durante e a partir desse momento de pesquisa e formação, foi ficando evidente por meio das discussões e reflexões, que as educadoras desenvolviam o tema sobre questões socioambientais em momentos específicos, de forma fragmentada sem estímulo a reflexão.

Ficou evidenciado também que antes do desenvolvimento desse processo as professoras não haviam participado de capacitações para discutir, especificamente, a forma que a Educação Socioambiental poderia ou deveria ser trabalhada nas escolas, resultando desse modo um ensino baseado na transmissão de um conhecimento pronto, sobre as questões que envolvem o ambiente e a realidade dos/as estudantes. Por conseguinte, a metodologia utilizada fundava-se em projetos extracurriculares fragmentados e desarticulados das práticas cotidianas.

Sendo assim as questões ambientais, apesar de presentes no espaço escolar das séries iniciais da Ilha do Valadares, não alcançavam o objetivo maior, que seria levar os educandos/as a compreender e refletir os problemas socioambientais, para formação de sujeitos críticos, autônomos, capazes de agir e transformar a realidade posta.

O movimento gerado pelas discussões, leituras e reflexões, provocou nos professores/as da Ilha dos Valadares, participantes dessa pesquisa, o repensar e replanejar de suas ações docentes, na busca de metodologias diferenciadas, para provocar uma análise crítica nos educandos e despertar o interesse pelas questões socioambientais.

Após passarem por todo o processo de discussão e estudos em grupo, bem como o desenvolvimento de atividades na escola, as professoras perceberam, por intermédio das metodologias empregadas, nesse primeiro módulo do grupo de estudos, que despertar o senso crítico, formar cidadãos conscientes e capazes de minimizar as agressões ao ambiente e melhorar a qualidade de vida na região, é possível.

O segundo módulo do grupo de estudos, por sua vez teve como objetivo a troca de experiências, envolvendo outro segmento, que também exerce suas atividades, de trabalho, junto à comunidade: os Agentes Comunitários de Saúde, como forma de integrar saberes e ampliar possibilidades no processo de ensino e aprendizagem das educadoras.

Através da análise do segundo módulo, foi possível afirmar que o grupo de estudos foi um espaço de ensino e aprendizagem que contribuiu para pesquisa e desenvolvimento de competências para o trabalho em equipe e prática colaborativa.

A pesquisa revelou que através de grupos de estudos é possível proporcionar a professores, professoras e outros/as profissionais que atuam num campo de interação com a educação, amplitude de conhecimentos e subsídios, para inserir em

suas práticas profissionais, métodos construídos de forma coletiva e contextualizados.

Seria importante que pesquisas futuras investigassem sobre reuniões formativas, fazendo um comparativo e trazendo novas análises através de novas técnicas de coleta de dados, como forma de incentivar e fortalecer os estudos sobre a formação de docentes.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. **Pesquisa Participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007. 59 p. (Coleção primeiros passos). Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/cursoraizes/o-que-educao-brando-carlos-rodrigues>>. Acesso em: 15 set. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 252 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa Participante: a partilha do saber**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006. 295 p.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Educação Ambiental**. Brasília, DISTRITO FEDERAL, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCiVil_03/LEIS/L9795.htm>. Acesso em: 07 jul. 2017.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais 1997. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DISTRITO FEDERAL,

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Informação Qualitativa: Aportes metodológicos**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2001. 135 p.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1992. 399 p.

DIONNE, Hugues. **A Pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007. 131 p. (Pesquisa).

FELISBINO, Janelize Nascimento; ABRAHÃO, Cinthia Maria de Sena. **Ilha dos Valadares: história cultura e meio ambiente**. Curitiba PR: do Autor, 2016. 108 p.

FLICK, Uwe. **Introdução a Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p. Tradução Magda Lopes.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 61 p. (Coleção educação e comunicação). Tradução Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 166 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 96 p.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: CONVERSAS SOBRE EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL**. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 229 p.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 173 p.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989. 148 p.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.233-250, ago. 2005.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001. 229 p. Tradução Sandra Valenzuela.

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994. 35 p.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990. 257 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 305 p. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/raianacansianlima/lakatos-marconi-fundamentos-de-metodologia-cientifica-46401881>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Meio Ambiente e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 1994. 81 p.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80 p.

PARANAGUÁ. Lei nº 139, de 28 de maio de 2012. **Lei Complementar**. Paranaguá, PR, Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/paranagua/lei-complementar/2012/13/139/lei-complementar-n-139-2012-cria-cargos-publicos-para-atuacao-junto-aos-programas-do-governo-federal-estrategia-saude-da-familia-esf-e-agentes-comunitarios-de-saude-eacs-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 07 out. 2018.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios Sobre Las Culturas Contemporâneas**, México, v. 23, n. 3, p.161-190, mar. 2017. Disponível em: <[file:///C:/Users/eliz/Downloads/Dialnet-PressupostosEpistemologicosEMetodologicosDaPesquis-5902964 \(1\).pdf](file:///C:/Users/eliz/Downloads/Dialnet-PressupostosEpistemologicosEMetodologicosDaPesquis-5902964%20(1).pdf)>. Acesso em: 06 dez. 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 377 p.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 169 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 174 p.

VASCONCELOS, José Antônio. **Fundamentos Filosóficos da Educação**. 2. ed. Curitiba: InterSaberes, 2017. 215 p. (Fundamentos da Educação).